



Centro Universitário de Brasília - UniCEUB  
Faculdade de Ciência Saúde e Educação - FACES  
Curso de Psicologia

**A influência das características dos estímulos para o estudo das atitudes relacionadas a  
biotipos corporais**

**Bárbara de Sousa Ribeiro dos Santos**

Brasília  
Dezembro de 2019



Centro Universitário de Brasília - UniCEUB  
Faculdade de Ciência Saúde e Educação - FACES  
Curso de Psicologia

**A influência das características dos estímulos para o estudo das atitudes relacionadas a  
biotipos corporais**

**Bárbara de Sousa Ribeiro dos Santos**

Monografia apresentada à Faculdade de  
Ciência Saúde e Educação do Centro  
Universitário de Brasília- UniCEUB, como  
requisito para à conclusão do curso de  
Psicologia.  
Professor-orientador: Márcio Borges Moreira

Brasília  
Dezembro de 2019



Centro Universitário de Brasília - UniCEUB  
Faculdade de Ciência Saúde e Educação - FACES  
Curso de Psicologia

### **Folha de avaliação**

Autor: Bárbara de Sousa Ribeiro dos Santos

Título: A influência das características dos estímulos para o estudo das atitudes  
relacionadas a biotipos corporais

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Márcio Borges Moreira

---

Prof. Dr. Paulo Roberto Cavalcanti

---

Prof. Dr. Renata Souza Vale

Brasília  
Dezembro de 2019

## Agradecimentos

Inicialmente gostaria de agradecer a Deus por ter me dado a oportunidade de ingressar nessa jornada da Psicologia e, por ter me dado a força necessária para passar por todos os altos e baixos ao longo desses cinco anos. Nesse momento, aproveito também para agradecer o apoio de toda a minha família Myriam, por todas as orações e risadas que me deram a recarga necessária para continuar caminhando neste último ano de curso.

Agradeço a minha família, meu pai Adélio Ribeiro, minha mãe Waldenice de Sousa, minha irmã Marcela Ribeiro, minhas primas Tainá Santos e Priscila Silva, pelo apoio e pela companhia nessa caminhada.

Agradeço também, a todos os amigos de fora do curso, pelos momentos de descontração, de renovação de energia e por todo o apoio, essenciais para que eu pudesse continuar firme nesses anos. Agradeço em especial a Amanda Augusta, Laura Neiva, Raquel Peixoto, Luana Obino, Vitória Paiva, Ana Carolina Maria, Ana Luísa Duarte e Emanuelle Carvalho.

Aos amigos que fiz ao longo do curso, deixo aqui meu agradecimento pelo apoio e por todas as risadas e desesperos conjuntos. Especialmente agradeço a Maria Tatiane, Isis Vercesi, Bárbara Lopes, Ana Rita Dutra, Paula Soares, Larissa Benevides, Nathalia Beatriz, Emille Mendes, Gabriela Morum e Thayná Linhares, por terem transformado diversos momentos de tensão em momentos mais leves. Além disso, agradeço a todos os colegas de turma, em especial das turmas de estágio, que ao longo deste último semestre, tornaram os meus dias mais descontraídos, aliviando o estresse de final de curso.

Por fim, quero agradecer a todos os professores que estiveram comigo nesses cinco anos, passando tanto conhecimento e tanta paixão pela profissão. Em especial, quero agradecer a meu orientador Prof. Dr. Márcio Borges Moreira, pela paciência em tirar minhas dúvidas, em me ajudar a trabalhar nessa pesquisa e por todo suporte teórico. Além disso,

agradeço aos professores: Carlos Augusto de Medeiros, Fádua Helou, Camila Morais e Leonardo Melo, por todo conhecimento transmitido e palavras de apoio.

## Resumo

Estudos baseados no paradigma de equivalência para a investigação de mudança de atitudes têm apontado que as características dos estímulos utilizados no procedimento para avaliar preconceito podem ter influência nas respostas dos participantes na avaliação de biótipos corporais. Dessa forma, as avaliações podem estar sob controle de variáveis, que não aquelas pretendidas no estudo, sendo portanto enviesadas. Neste sentido, o presente trabalho teve por objetivo investigar como diferentes formas de apresentação do estímulo podem ser variáveis de influência sobre as respostas dos participantes. Para isso, foram utilizadas fotografias de mulheres de biotipo magro e obeso, silhuetas e imagens de objetos. Foram realizados dois experimentos, sendo que no primeiro foram usadas as fotografias e silhuetas das mulheres magras e no segundo das mulheres obesas. Os estímulos deveriam ser avaliados em uma Escala de Diferencial Semântico, composta por 13 pares de características bipolares, apresentados abaixo dos estímulos. A pesquisa foi enviada via formulário online através das redes sociais. Como resultado, observou-se que em ambos os experimentos diferenças nas avaliações ocorreram a depender da maneira com que o estímulo foi apresentado, corroborando a literatura de controle de estímulos e destacando a importância do uso de critérios metodológicos mais rígidos para a seleção dos estímulos, a fim de que as respostas discriminadas possam estar sob controle da variável que se busca investigar.

*Palavras chaves:* Biotipos corporais, Controle de estímulos, Atitudes, Escala de Diferencial Semântico.

## Sumário

Agradecimentos.....	ii
Resumo.....	iv
Sumário.....	v
Lista de Figuras.....	vi
Introdução.....	1
Atitude e Preconceito.....	2
Preconceito: Um Comportamento Aprendido.....	11
A Mensuração do Preconceito.....	16
Controle de Estímulos e Falhas na Formação/Reversão de Classes de Equivalência em Estudos sobre o Preconceito.....	24
Experimento I.....	27
Método.....	27
Resultados.....	32
Discussão.....	40
Experimento II.....	42
Método.....	43
Resultados.....	44
Discussão.....	50
Discussão geral.....	53
Considerações Finais.....	55
Referências.....	57
Apêndice A.....	64

## Lista de Figuras

<i>Figura 1.</i> Esquema representativo do paradigma de relações de equivalência. ....	14
<i>Figura 2.</i> Exemplo de construção de tentativa no IRAP .....	19
<i>Figura 3.</i> Estímulos utilizados no experimento I. ....	29
<i>Figura 4.</i> Recorte de exemplificação da apresentação dos itens. ....	32
<i>Figura 5.</i> Média de avaliações entre os três estímulos usados em cada categoria. ....	34
<i>Figura 6.</i> Média de avaliações por estímulos, calculadas somando-se as avaliações das duas ocorrências de cada estímulo ao longo do procedimento.....	38
<i>Figura 7.</i> Avaliação média obtida na primeira e na segunda ocorrência dos estímulos S2 e S3.....	39
<i>Figura 8.</i> Estímulos utilizados no Experimento II .....	44
<i>Figura 9.</i> Média de avaliações entre os três estímulos usados em cada categoria. ....	45
<i>Figura 10.</i> Média de avaliações por estímulos, calculadas somando-se as avaliações das duas ocorrências de cada estímulo ao longo do procedimento.....	48
<i>Figura 11.</i> Avaliação média obtida na primeira e na segunda ocorrência dos estímulos S2 e S3.....	50



O preconceito é tema que está em destaque no discurso da sociedade na atualidade e também tem ganhado grande destaque no meio acadêmico. Temas como racismo, homofobia, xenofobia e gordofobia têm ganhado cada vez mais espaço em debates e pesquisas, trazendo maiores informações sobre a criação, desenvolvimento e propagação do preconceito e, como consequência do maior conhecimento do fenômeno, há a possibilidade de que ações sejam desenvolvidas para a busca de uma mudança dos comportamentos que caracterizam essas atitudes.

Uma literatura extensa tem sido desenvolvida acerca dessa temática, principalmente dentro da Psicologia Social (e.g., Fabrigar, MacDonald & Wegner, 2005; Neiva & Mauro, 2011; Song, Vonasch, Meier & Bargh, 2012). Apesar desse foco social, pesquisas na Análise do Comportamento têm se debruçado sobre esse tema (e.g., de Carvalho & de Rose, 2014; Portela, 2014). Tendo em vista que o agir de forma preconceituosa envolve diferentes contingências para ser assim caracterizado, a presente pesquisa buscou, com base no conceito de controle de estímulos, investigar variáveis que podem influenciar respostas avaliativas com foco no uso de estímulos representantes de dois biotipos corporais, a saber: magras e obesas.

Este estudo apresenta relevância acadêmica tendo em vista que, com base no conceito de controle de estímulos, pretende-se verificar se maiores cuidados metodológicos são necessários, assim como afirmam Carvalho (2010) e Moreira, Oliveira & Hanna (2017), para a seleção dos estímulos usados nas pesquisas acerca de preconceito e atitudes. Considerando-se principalmente que nestas pesquisas estímulos com significados sociais são comumente utilizados e que diferentes características de um mesmo estímulo podem controlar as respostas do indivíduo de formas distintas (Reynolds, 1961).

## **Atitude e Preconceito**

Nas ciências sociais, Neiva e Mauro (2011) destacaram que atitude é um construto psicológico e pode ser entendido como o posicionar-se, de forma negativa ou positiva, diante dos diferentes estímulos do mundo. A atitude caracteriza-se, portanto, como uma posição avaliativa e constante assumida pelas pessoas. As atitudes podem estar direcionadas, por exemplo, a pessoas, objetos, grupos, ideias, lugares e comportamentos - estes estímulos são chamados de “objetos atitudinais”. Tendo em vista a quantidade de informações com que as pessoas entram em contato todos os dias, o posicionamento assumido diante dos vários objetos é uma forma de economia e tentativa de organização dessas informações (Neiva & Mauro, 2011; Fabrigar, MacDonald & Wegner, 2005).

Uma das teorias acerca das atitudes as descreve como sendo constituídas por três componentes: afetivo, cognitivo e comportamental. O componente afetivo diz respeito aos sentimentos experimentados pela pessoa no contato com o objeto da atitude, o componente cognitivo relaciona-se com as percepções e crenças que se tem acerca dele e o componente comportamental envolve as ações diante do objeto (Fabrigar, MacDonald & Wegner, 2005; Neiva & Mauro, 2011). Recentemente, Albarracin e Shavitt (2018) apontaram para uma mudança no olhar sobre a definição das atitudes no âmbito das ciências sociais, o qual deixa de focar em processos divididos e passa em sua natureza avaliativa.

Ainda no contexto da Psicologia Social, quando as percepções e crenças que uma pessoa tem de um estímulo produzem afetos negativos, caracteriza-se o preconceito (Neiva & Mauro, 2011). Dessa forma, pode-se pensar no preconceito como o componente afetivo das atitudes sem, portanto, ocasionar necessariamente em ações ofensivas (Rodrigues, Assmar & Jablonski, 1999). Ou ainda, pode-se pensar no preconceito como uma avaliação negativa direcionada a determinados grupos (Sacco, Couto & Koller, 2016).

Uma das possíveis origens do preconceito descreve-o como resultado da aprendizagem social. As normas culturais presentes em cada comunidade, e passadas no processo de socialização, acabam por instruir “aberta ou sutilmente sobre o que pensar, como reagir afetivamente ou como agir no mundo” (Rodrigues et. al. 1999, p. 170) (Crochik, 1996; Miranda, 2012).

A literatura conta com diversos estudos que buscam investigar o preconceito contra diferentes grupos (e.g., Crandall, D’Anello, Sakalli, Lazarus, Nejtardt & Feather, 2001; Dixon & Lemke, 2007; Lima & Vala, 2004; Lacerda, Pereira & Camino, 2002). Burch (2015), por exemplo, em sua pesquisa, objetivou analisar a relação entre raça, cor da pele e encarceramento. Para isso, Burch realizou a análise das sentenças que eram proferidas a homens brancos e negros, réus primários, no estado da Geórgia nos Estados Unidos. Foram resgatados os documentos referentes ao outono de 2003 e, a partir do que constava nos arquivos acerca da cor da pele, comparou-se esta característica com o tamanho da sentença deferida.

No que diz respeito a cor da pele, foram comparados os indivíduos brancos e negros. No entanto, Burch (2015) fez uma classificação da cor da pele negra, considerando-a “light-skinned black” (negro de pele clara), “medium-skinned black” (negro de tom de pele médio) e “dark-skinned black” (negro de pele escura), sendo que estas vão de uma pele negra mais clara para uma mais escura, respectivamente (para maiores explicações acerca do não uso de uma gradação para os brancos consultar Burch, 2015).

Como resultado, verificou-se diferença entre o tamanho da sentença de brancos e negros, sendo a dos primeiros em média 270 dias menor. Além disso, entre os diferentes tons da pele negra, também foram constatadas as seguintes diferenças: os indivíduos de pele “medium-skinned black”, tiveram uma condenação, em média, 200 dias maior do que as

condenações dos brancos e aqueles de pele “dark-skinned black”, uma média de 400 dias maior que as condenações dadas aos brancos (Burch, 2015).

Burch (2015), ao considerar a possibilidade de influência de outras variáveis nos resultados como, por exemplo, tamanho da sentença, gravidade do crime cometido, idade e variáveis socioeconômicas, verificou que, apesar do controle destas variáveis, a raça e a cor da pele continuavam correlacionadas com o tamanho da sentença. O autor discute, portanto, que a raça e a cor da pele têm grande relevância ao se proferir uma sentença e também destaca a hierarquia racial ainda existente no sistema de justiça estadunidense.

No Brasil, Lima e Vala (2004) conduziram dois estudos nos quais buscaram compreender a relação entre cor da pele, performance social (sucesso vs. fracasso) e a percepção da cor da pele. No primeiro estudo, os participantes deveriam classificar as características que lhes eram apresentadas em uma escala bipolar que ia de 1 (caracteriza exclusivamente animais) a 6 (caracteriza exclusivamente os seres humanos). Neste primeiro estudo, buscou-se validar as características que seriam consideradas traços de cultura e traços de natureza, sendo os primeiros aqueles usados para descrever, exclusivamente, humanos e os segundos usados sem diferenciação para a descrição de humanos e animais.

Nos resultados os autores encontraram como traços de cultura as seguintes características: progressista, sábio, falso ou mentiroso, infantil, ignorante e inteligente. Como traços de natureza, os autores encontraram as seguintes características: esperto, espontâneo, agressivo, descontrolado, impulsivo e alegre. No segundo estudo, os autores buscaram observar a influência da cor da pele e da performance social dos grupos apresentados, no processo de branqueamento, ou seja, na maneira que são percebidos com relação à cor da pele e na concessão de traços culturais ou naturais (Lima & Vala, 2004).

Para o segundo estudo, dois questionários foram utilizados, um deles descrevia um grupo que havia obtido sucesso social e econômico, enquanto no outro um grupo que havia

fracassado. Logo abaixo da descrição, uma imagem era apresentada com três homens, que representavam o grupo descrito. Foram usadas quatro imagens das quais duas eram grupos de homens brancos, uma retratando o grupo com sucesso e a outra sem, e duas de homens negros, também com e sem sucesso. Após a imagem, o participante deveria atribuir ao referido grupo as características que haviam sido validadas no estudo anterior. Por fim, era preciso que o participante indicasse, em uma escala Likert, qual a cor da pele daquele grupo (Lima & Vala, 2004).

Como resultado desse segundo estudo, Lima e Vala (2004) encontraram que a atribuição de traços de cultura positivos ocorreu com maior frequência para os grupos que eram descritos como sendo de sucesso, o que discutiram como algo que aponta para um processo de inferiorização dos grupos de fracasso. Já no que diz respeito à relação entre cor da pele e à atribuição dos traços, não foi encontrada interação significativa.

Ao analisar o processo de branqueamento, Lima e Vala (2004) identificaram que o grupo de negros descrito como de sucesso tendeu a ser percebido como mais branco, em comparação com o grupo negro descrito como de fracasso. Além disso, Lima e Vala (2004) verificaram que quanto maior o branqueamento do grupo, mais traços de cultura positivos eram atribuídos. Na mesma lógica, os autores encontraram que os integrantes do grupo de negros com fracasso eram considerados mais negros e com maior tendência a atribuição de traços de natureza.

No que concerne ao processo de branqueamento, os autores discutem que é uma forma de manutenção de crenças sobre o branco ser alguém de sucesso e o negro alguém de fracasso. E além disso, como algo necessário para a atribuição de traços de cultura, o que caracteriza a não consideração do negro como um ser humano, sendo necessário seu branqueamento para que mais características humanas lhes sejam atribuídas (Lima & Vala, 2004).

Além do racismo, outras formas de preconceito também vem sendo investigadas. Lacerda, Pereira e Camino (2002), por exemplo, objetivaram investigar a expressão do preconceito contra homossexuais através das explicações dadas para a homossexualidade. Neste estudo participaram 220 universitários, que responderam a um questionário sócio-demográfico e a três escalas: de rejeição à intimidade, de expressão emocional e de explicações da homossexualidade.

Na escala de rejeição à intimidade, os participantes deveriam avaliar o quanto a situação descrita, ilustrativa de contatos mais íntimos com homossexuais, como por exemplo, “Ter um filho homossexual” ou “Ver casais homossexuais namorando” (Lacerda, Pereira & Camino, 2002, p. 170) lhe causava incômodo. Na escala de expressão emocional, deveriam indicar com que frequência já haviam sentido determinadas emoções em relação a homossexuais. Por fim, na escala de explicações da homossexualidade, foram apresentados itens que englobavam cinco possíveis modelos de explicações para a homossexualidade: explicações biológicas, psicológicas, psicossociais, religiosas e ético-morais. Diante de cada item os participantes deveriam indicar seu nível de concordância com a afirmativa.

Em seus resultados Lacerda et. al. (2002) classificaram os participantes em três grupos: não-preconceituosos, que expressaram poucas emoções negativas, muitas emoções positivas e sentem-se menos incomodados diante de situações de intimidade; preconceituosos-sutis, que são aqueles que expressam poucas emoções positivas e negativas e na escala de rejeição à intimidade estão abaixo da média; e o terceiro grupo, de preconceituosos-flagrantes, que são os participantes que expressaram muitas emoções negativas e poucas positivas, além de manifestar muita concordância na escala de rejeição à intimidade.

Lacerda et. al. (2002) relataram que mais de 70% dos participantes foram classificados como preconceituosos, divididos entre sutis e flagrantes. O grupo de

preconceituosos-flagrantes atribuiu, com maior frequência, explicações religiosas e ético-morais para a homossexualidade, enquanto que os não-preconceituosos apresentaram mais explicações psicossociais, e os preconceituosos-sutis, explicações biológicas e psicológicas. Os autores identificaram, portanto, que as explicações dadas são variáveis de grande importância para a manutenção do preconceito contra esse grupo, mesmo que elas sejam mantidas por teorias científicas ou pelo senso comum.

Além do preconceito contra negros e homossexuais, há também o preconceito contra pessoas obesas. Crandall et. al. (2001) partiram do modelo *Attribution-Value Model* para investigar o preconceito contra este grupo. Neste modelo, pressupõe-se que o preconceito é dependente de dois fatores: da presença de valores culturais negativos, acerca de determinados grupos sociais, e da atribuição de responsabilidade que é dada às pessoas, a depender das suas características. Tendo como base este modelo, os autores buscaram investigar o quanto seriam atribuídos valores negativos e responsabilidade às pessoas obesas e relacionar esta atribuição ao preconceito contra este grupo. Para isso, realizaram uma pesquisa através de questionários, com 970 participantes de seis países: Índia, Turquia e Venezuela, considerados países de cultura coletivista e Austrália, Estados Unidos e Polônia, de cultura individualista.

O questionário apresentado aos participantes foi dividido em quatro partes. A primeira dizia respeito ao preconceito contra obesos. Nesta parte foi usada a escala *Anti-fat attitudes scale*. Em seguida, foram investigados os valores culturais da obesidade. Para este fim, foram apresentados sete itens com afirmativas relativas à obesidade, que deveriam ser avaliados em uma escala Likert. Além disso, através de cinco itens que não tinham relação com obesidade, investigou-se a tendência em atribuir às pessoas uma capacidade de controle da situação vivida. Por fim, o questionário possuía uma sessão de preenchimento de dados demográficos (Crandall et. al. 2001).

Como resultado, os autores encontraram correlação entre preconceito contra obesos e a atribuição de valores negativos e de responsabilidade acerca de seu o peso, a estas pessoas - dessa forma, verificaram que estes fatores possibilitam a predição do preconceito. Tal possibilidade preditiva mostrou-se mais significativa nos países de cultura individualista, em comparação com a cultura coletivistas. A atribuição dos valores negativos e da responsabilidade é destacada pelos autores como algo que pode servir de propósito para a criação e manutenção de percepções de grupos, levando ao preconceito (Crandall et. al. 2001).

Esta diferença entre países é discutida tendo em vista que nas culturas individualistas há maior probabilidade de conceber os indivíduos como sendo autônomos, capazes de escolhas individuais e que sofrem as consequências das mesmas. Por outro lado, nas culturas coletivistas a probabilidade de julgamentos baseados em responsabilidade e na capacidade de autocontrole é menor. Assim, as causas do preconceito não se mostraram significativamente baseadas em uma responsabilização individual nesta cultura. Dessa forma, conclui-se que o preconceito é modificado a depender das características culturais de cada país (Crandall et. al. 2001).

O preconceito contra pessoas obesas é de especial interesse para este trabalho. Tendo em vista que a obesidade e o sobrepeso no Brasil são fenômenos sociais que vêm aumentando com o passar dos anos. A avaliação do estado nutricional de adultos é feito utilizando-se o Índice de Massa Corporal (IMC). O IMC é definido pelo peso em quilogramas, dividido pelo quadrado da altura, em metros ( $\text{kg}/\text{m}^2$ ). O sobrepeso é verificado quando o resultado está entre 25 e 29,9 e a obesidade é caracterizada com resultado a partir de 30 (WHO, 2000; Ministério da saúde, 2019).

Segundo dados do Ministério da Saúde, no último relatório gerado pela Vigitel em 2017 (Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito



telefônico), observou-se que em média 53,6% da população brasileira adulta encontra-se acima do peso e cerca 19% apresentam obesidade. Com esse aumento do sobrepeso e da obesidade na atualidade, o estigma ao corpo gordo tem se evidenciado. Em consonância com essa noção estigmatizante da gordura, uma das formas com que Carvalho e Martins (2004) definiram a obesidade atribuí-lhe um *status* de desvio daquilo que é considerado como padrão. Padrão este que é na atualidade caracterizado por corpos magros e/ou musculosos, tomados como base para a definição do que é a beleza ideal, que por sua vez é construída a partir de preceitos sociais e culturais hegemônicos (Carvalho & Martins, 2004; Mattos, 2012; Mattos & Luz, 2009).

Esse olhar normativo direcionado à aparência física atribui ao corpo um valor moral, conferindo a ele a necessidade de correções e aprimoramentos quando não está inserido na “moral da boa forma”, que vem se presentificando e solidificando ao longo dos séculos XX e XXI (Mattos, 2007). A valorização contemporânea do corpo magro, sem imperfeições ou falhas é associada à saúde e autocontrole, enquanto que a gordura é vista como o oposto, tornando-se sinônimo de fracasso, preguiça e de doenças (Mattos, 2007; Mattos, 2012; Neves & Mendonça, 2014).

Com tal valorização, os indivíduos passam a construir determinadas percepções acerca da imagem corporal dos outros e da própria. Deve-se destacar que a percepção é aqui definida em termos de comportamentos verbais descritivos de eventos (Skinner, 1957), ou seja, respostas sob controle de certos estímulos, e que os descrevem. Dessa forma, a descrição de uma pessoa obesa como alguém de fracasso e preguiçosa corresponde à resposta verbal que ocorre diante do estímulo, que é a pessoa.

A percepção que um indivíduo tem da sua imagem corporal é fator importante para a condução de ações com a finalidade de controle do peso. Moraes, Anjos e Marinho (2012) argumentaram que esta percepção torna-se ainda mais importante considerando-se as doenças

crônicas que podem ser consequência do sobrepeso e da obesidade, tendo em vista que percepções distorcidas podem levar a comportamentos inadequados e complicações nos quadros. Além disso, Nicida e Machado (2014) argumentaram que a percepção da imagem corporal também pode ser relevante para uma identificação antecipada de transtornos alimentares, como anorexia e bulimia nervosas e o planejamento de possíveis condutas terapêuticas.

Uma das formas que tem sido utilizada para o acesso à percepção da imagem corporal são as Escalas de Silhuetas (Gardner & Brown, 2010; Moraes et. al. 2012; Nicida & Machado, 2014; Thompson & Altabe, 1991). Em revisão de literatura Moraes et. al. (2012) encontraram 14 trabalhos de construção de escalas e, dentre elas, identificaram que a que tem sido utilizada com maior frequência pela literatura é a Escala de Silhuetas de Stunkard, desenvolvida com figuras femininas e masculinas (A escala foi originalmente publicada em Stunkard, Sorenson, & Schulsinger, 1983).

A Escala de Silhuetas de Stunkard consiste em nove figuras de corpos que vão do mais magro (1) ao mais obeso (9). Ao aplicá-la, solicita-se que o indivíduo selecione a imagem que corresponda ao seu corpo (real) e selecione outra que represente o corpo que gostaria de ter (ideal). A diferença entre real e ideal diz respeito ao grau de insatisfação corporal existente (Alvarenga, Philippi, Lourenço, Sato & Scagliusi, 2010; Pereira, Graup, Lopes, Borgatto & Daronco, 2009). Em uma avaliação das propriedades psicométricas da escala, Thompson e Altabe (1991) encontraram altos níveis de confiabilidade, principalmente na escala com imagens de mulheres.

Dessa forma, o preconceito pode sempre ser considerado como um comportamento, seja ele dizer algo, fazer algo ou responder a escalas e questionários. A seguir, farar-se-á uma caracterização do preconceito à luz do referencial teórico-metodológico da abordagem psicológica Análise do Comportamento.

### **Preconceito: Um Comportamento Apreendido**

O comportamento é o objeto de estudo da Análise do Comportamento. Embora defini-lo não seja uma tarefa fácil, para o contexto deste trabalho será utilizada a definição de comportamento, especificamente comportamento humano, apresentada por Cooper, Heron e Heward (2014):

Comportamento é a atividade dos organismos vivos. Comportamento humano é tudo o que as pessoas fazem, incluindo como elas se movem e o que elas dizem, pensam e sentem. Abrir um saco de amendoins é comportamento, assim como o é pensar o quão bom será o gosto do amendoim uma vez que o saco esteja aberto. Ler esta frase é comportamento, e se você está segurando o livro, também o é sentir o peso e a forma do livro nas suas mãos. (p. 45)

É comum encontrar definições de comportamento como sendo a interação entre organismo e ambiente. Para a explicação do que é comportamento Lopes (2008), Lopes e Laurenti (2008), Todorov (2012), apontaram que defini-lo como a relação entre ambiente (estímulo) e organismo (resposta), apesar de comum, não é capaz de esclarecer o que é o comportamento e pode levar a explicações causais e simplistas. Para essa compreensão, Todorov (2012) apontou que o comportamento faz parte dessa interação, mas que não é a interação em si mesma. Segundo Todorov, o comportamento é a variável dependente presente na contingência, ou seja, está sujeito às variáveis externas (para outras discussões acerca do conceito de comportamento ver Lopes, 2008; Lopes & Laurenti, 2008).

Nessa noção de comportamento como uma variável dependente, considera-se que ele está inserido em um tempo e espaço específicos, que caracterizam a relação funcional aí estabelecida. Falar em relações funcionais implica falar de comportamento operante. Comportamento operante é aquele cujas consequências produzidas no ambiente controlam a probabilidade de ocorrência futura do mesmo. Assim, entende-se que o comportamento

operante é selecionado, ou melhor, é função das consequências por ele produzida, o que possibilita seu controle e predição (Lopes, 2008; Moreira & Medeiros, 2019; Todorov, 2012).

Para além do controle pelas consequências, a compreensão do comportamento operante também deve levar em consideração o contexto em que ele ocorre. Comportamentos que são controlados por estímulos antecedentes e estímulos consequentes são chamados de operantes discriminados. Nestes operantes, consequências específicas são sinalizadas quando, diante de um determinado estímulo, um comportamento específico ocorrer (Catania, 1999; Moreira & Medeiros, 2019; Moreira, et. al. 2006; Todorov, 2012).

Nos comportamentos operantes discriminados os estímulos antecedentes são uma variável importante, e como é destacado por Catania (1999), eles caracterizam “sinais ou pistas” do ambiente que controlam o comportamento. Quando esses estímulos apontam que um comportamento específico será reforçado diante deles, fala-se em estímulo discriminativo (SD) e quando não há a correlação entre o estímulo e a produção do reforço ele é configurado como um estímulo delta ( $S\Delta$ ) (Catania, 1999; Moreira & Medeiros, 2019).

Moreira e Medeiros (2019) destacaram que é possível falar em um controle discriminativo quando uma resposta ocorre diante do estímulo discriminativo, mas não o é, ou tem sua frequência diminuída, diante de estímulo delta. O estabelecimento de processos comportamentais de discriminação de estímulos leva em consideração, como dito anteriormente, as características que os estímulos possuem. Nesse sentido, em alguns momentos podem ser observadas generalizações de estímulos.

A generalização de estímulos ocorre quando diferentes estímulos compartilham certas características físicas entre si e os comportamentos, que no passado foram seguidos de reforçadores diante de um desses estímulos, passam a ocorrer na presença dos demais (Moreira & Medeiros, 2019). Quando uma mesma classe de respostas é generalizada,

passando a ocorrer diante de qualquer um desses estímulos, diz-se que formaram-se classes de estímulos (Moreira & Medeiros, 2019; Moreira et. al. 2006).

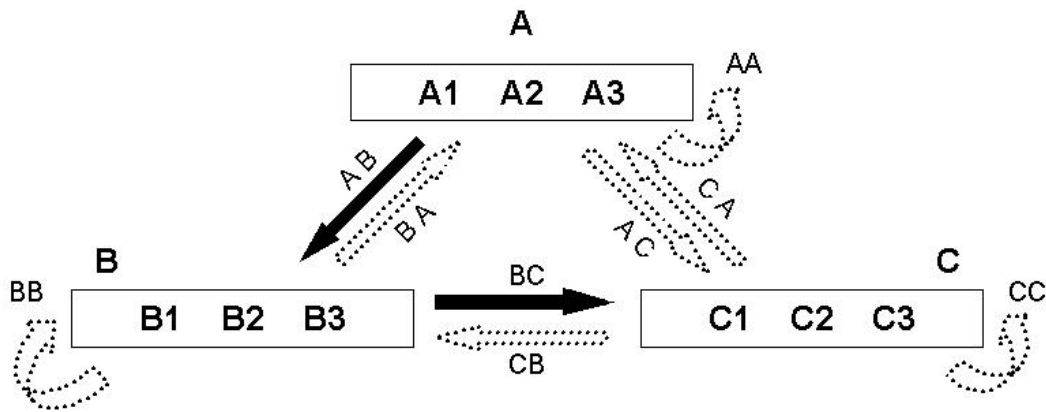
A formação de classes de estímulos pode ocorrer mesmo que não haja uma partilha de características formais entre eles, como mencionado anteriormente. Nessas situações, fala-se que as classes foram formadas com base em propriedades funcionais (classes funcionais), pois criam ocasião para que respostas semelhantes ocorram, mesmo sem a conformidade físicas entre os estímulos (Moreira & Medeiros, 2019; Moreira et. al. 2006).

Além das classes funcionais, procedimentos de discriminação condicional podem gerar classes de equivalência de estímulos (Sidman, 1971, Sidman & Tailby 1982). Hanna, Batitucci e Natalino-Rangel (2016) apontaram que a caracterização de estímulos equivalentes ocorre quando os estímulos se tornam substituíveis entre si no controle do comportamento como, por exemplo, quando diante de uma palavra falada, impressa e da figura condizente, a mesma resposta é observada.

A formação de classes de estímulos equivalentes foi descrita por Sidman & Tailby (1982) como paradigma de relações de equivalência e está ilustrado, de forma esquemática, na Figura 1. Neste paradigma, inicialmente há os treinos de relações, representados na Figura 1 pelas setas contínuas. Em seguida, devem ser observadas três propriedades nos testes das relações: reflexividade, simetria e transitividade (Sidman & Tailby, 1982), representadas na Figura 1 pelas setas pontilhadas.

A reflexividade ocorre quando o indivíduo, diante do estímulo A escolher o próprio estímulo A (AA); diante de B opta pelo estímulo comparação B (BB), e assim por diante (CC). Na simetria há uma troca de posição entre estímulo modelo e comparação, por exemplo, se A está para B (relação AB estabelecida nos treinos), então B está para A, assim como BC (treino) estará para CB (simetria). Já no teste de transitividade, busca-se verificar a emergência das relações que não foram diretamente treinadas, assim, se AB e BC (treinos),

então AC. Por fim, se é possível a observação da relação CA caracteriza a emergência da relação de equivalência (Hübner, 2006; Mizael, Santos & de Rose, 2016; Moreira et. al. 2006; Sidman & Tailby, 1982).



*Figura 1.* Esquema representativo do paradigma de relações de equivalência. Ilustração de uma relação com três conjuntos de estímulos, com três membros cada. As setas contínuas representam as relações treinadas e as setas pontilhadas as relações testadas. As setas estão na direção do estímulo modelo para o estímulo comparação. (Retirado de Moreira et. al. 2006, Figura 2).

As relações de equivalência podem ser ensinadas e testadas a partir do procedimento de matching-to-sample (MTS), ou escolha de acordo com o modelo. No MTS, um estímulo é apresentado como modelo e, simultaneamente ou após, dois ou mais estímulos de comparação são mostrados; diante disso, o participante deve escolher o único estímulo comparação que se relaciona com o estímulo modelo (Hübner, 2006; Mizael et. al. 2016). Pode-se dizer que na Figura 1, tendo como exemplo o treino da relação AB, se o estímulo modelo for A1 e os estímulos comparação B1, B2 e B3, a escolha correta seria B1, diante de A1. Nesse exemplo, três classes de estímulos equivalentes poderiam ser formadas, a saber, A1B1, A2B2 e A3B3.

Com esse procedimento há a possibilidade de verificação de formações de classes nos treinos e, de verificação das relações emergentes por meio dos testes de reflexividade, simetria, transitividade. As relações emergentes são aquelas que surgiram sem a necessidade de um treino direto e sem que haja, necessariamente, semelhanças físicas entre os estímulos (Sidman & Tailby, 1982).

Mizael et. al. (2016) assinalaram que o paradigma de equivalência tem sido utilizado para o estudo das atitudes e apontam que as atitudes são entendidas como comportamentos. Assim, atitudes ocorrem a depender da história prévia de reforçamentos à qual o indivíduo foi exposto. Mais especificamente, “é possível entender as atitudes como a avaliação de pessoas, objetos e eventos” (Mizael et. al. 2016, p. 126). Com isso, os autores destacam a potencialidade do paradigma de equivalência para o estudo de atitudes preconceituosas, tendo em vista que o processo de formação de atitudes pode ser entendido como a formação de classes de equivalência entre as classes de estímulos e as características valorativas a eles atribuídas (Mizael et. al. 2016).

Nesse sentido, certos grupos podem passar a fazer parte de uma classe de equivalência na qual alguns dos estímulos membros sejam adjetivos pejorativos como, por exemplo, negro-ruim/desonesto/bandido e gordo-preguiçoso/feio/fracassado. De Carvalho e de Rose (2014) buscaram em estudo modificar tais relações de preconceito utilizando o procedimento de MTS. Participaram da pesquisa quatro crianças que em um pré-teste haviam relacionado as figuras de negros com símbolos considerados de valor negativo.

As crianças passaram por treinos que objetivaram estabelecer, inicialmente, a relação AB: símbolos positivos e negativos (A) com símbolos abstratos (B), e posteriormente a relação BC: símbolos abstratos (B) e figuras de negros, brancos e abstratas (C). Por fim, foi feito um treino misto, unindo AB e BC e um pós-teste, no qual as crianças deveriam relacionar os símbolos de positivo e negativo (A) com os estímulos C. Os autores buscaram,

por meio dos treinos, que a relação entre a imagem abstrata relacionada em AB com o símbolo de positivo, emergisse com as figuras de negros (de Carvalho & de Rose, 2014).

Em seus resultados, de Carvalho e de Rose (2014) encontraram que apenas uma das crianças demonstrou reversão das classes de equivalência, isto é, mudou de atitude. Os autores discutem que o histórico pré-experimental dos participantes pode ter exercido maior controle sobre seu comportamento do que as relações treinadas no experimento. Além disso, argumentam que maior cautela nos padrões de condução dos treinos podem ter influência positiva na reversão de classes.

### **A Mensuração do Preconceito**

Ao considerar a definição de comportamento operante discriminado, é possível a realização de uma análise do preconceito, ou melhor, de comportamentos que podem ser caracterizados como exemplares de preconceito levando em consideração nessa análise as variáveis de controle presentes e o processo de aprendizagem envolvido. Por exemplo, na presença de uma pessoa obesa o comportamento de dizer “rolha de poço” é emitido e as pessoas próximas a quem disse começam a rir. Nessa ocasião, o SD é a presença da pessoa obesa e a resposta é o comportamento de dizer “rolha de poço”, que tem como consequência reforçadora, por exemplo, as risadas dos que estão por perto. Tal acontecimento faz com que a ocorrência desse comportamento torne-se mais provável futuramente.

Este exemplo ilustra, de maneira simplificada, como se aprende comportamentos preconceituosos. A presença da pessoa obesa funciona como SD para certos apelidos como, por exemplo, “balofa”, “baleia” e “botijão”, ou para comportamentos verbais privados acerca desse grupo, no sentido de que tais apelidos podem não ser necessariamente falados, mas estão presentes nas classes formadas como, por exemplo, a atribuição das características “preguiçoso”, “feio”, “sujo” e “trapaceiro”, descritas por Mattos (2012) como frequentemente atribuídas a este grupo. De outro modo, as pessoas magras tornam-se SΔ para esses



comportamentos e SD para verbalizações relacionadas a beleza, saúde, esforço e sucesso. Esses comportamentos caracterizam um processo de discriminação de estímulos. Além disso, tendo como base o conceito de generalização de estímulos, pode-se supor que o comportamento de dizer “rolha de poço”, ou ainda, “botijão”, “baleia” e “balofa” irá ocorrer também diante de outras pessoas que aparentarem estar acima do peso e não apenas daquele indivíduo, diante do qual a primeira ocorrência do comportamento foi reforçada.

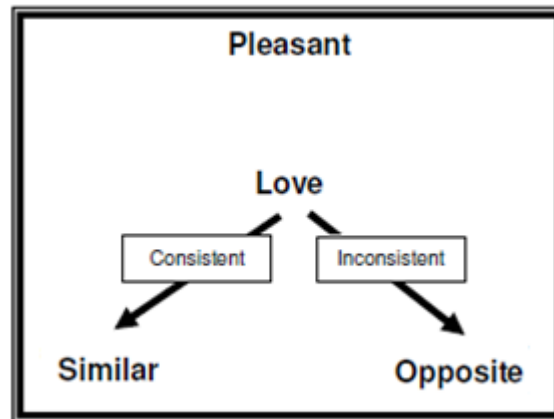
Portanto, considerando-se que preconceito é comportamento operante, ele pode ser medido como qualquer outro operante. Nas pesquisas baseadas no paradigma de equivalência de estímulos, uma maneira de medir o preconceito é através da verificação do percentual de ocorrência de certas discriminações condicionais, como por exemplo, a seleção do estímulo comparação “preguiçoso” na presença da fotografia de uma pessoa obesa, ou da palavra “mau” diante de uma pessoa negra. Já nos estudos que buscam a reversão dessas classes de equivalência, a mensuração da reversão se dá através dos percentuais de discriminações condicionais registrados em pré e pós testes, assim como no estudo de de Carvalho e de Rose (2014), descrito anteriormente e nos estudos de Santos e Medeiros (2017) e Dixon e Lemke (2007).

Para além do uso do percentual de ocorrência de discriminações condicionais, como medida para o preconceito em procedimentos de MTS, outros estudos da área têm utilizado instrumentos de medida padronizados, como o *Implicit Relational Assessment Procedure* (IRAP) e a Escala de Diferencial Semântico (EDS). Como descreveram Barnes-Holmes, Barnes-Holmes, Power, Hayden, Milne e Stewart (2006), no IRAP é solicitado que o participante responda o mais rápido e corretamente possível de formas consistentes ou inconsistentes com seu histórico pré-experimental. A rapidez da resposta é chamada de latência e é medida em milissegundos (ms), contados do início da tentativa até uma resposta correta.

Para essa verificação é apresentado simultaneamente ao participante um estímulo modelo, um estímulo alvo e dois estímulos que podem caracterizar a relação entre os dois primeiros. Dessa forma, quando os estímulos apresentam consistência é esperado que a latência média da resposta seja menor, enquanto que para estímulos inconsistentes seja maior. Ou seja, quando as relações que fazem parte do repertório comportamental do participante são apresentadas, espera-se que as respostas irão ocorrer mais rapidamente, em comparação com quando a relação é inconsistente a este repertório. A Figura 2, retirada de Barnes-Holmes et. al. (2006) ilustra como é organizada uma tentativa do IRAP.

Em estudo, Bortoloti e de Rose (2012), objetivaram investigar se o uso do procedimento de MTS com treino simultâneo ou com atraso produziria diferenças nos resultados do IRAP. Para isso, os participantes foram divididos em dois grupos e duas relações foram estabelecidas em cada. Em um dos grupos as relações foram estabelecidas através do treino simultâneo e no outro através do treino com atraso. As relações que os autores buscaram estabelecer foram de faces felizes (A1) e com raiva (A2) com palavras sem sentido (B, C e D). As relações treinadas foram, respectivamente, AB, AC e CD. Tendo os critérios de aprendizagem das relações ensinadas sido alcançados, ocorreram os testes BD e DB - apenas os participantes que formaram as classes realizaram o IRAP.

No IRAP, um estímulo modelo era apresentado (D), juntamente com um estímulo alvo (ora A1, ora A2) e com as opções de resposta V, para verdadeiro, e F, para falso. Nos blocos de consistência, respostas consistentes com as relações treinadas no MTS permitiam o avanço nas tentativas, enquanto que respostas erradas eram conseqüenciadas com apresentação de um X e a tentativa repetida. Nos blocos de inconsistência, as respostas que permitiam o avanço eram as inconsistentes com as relações treinadas no MTS (Bortoloti & de Rose, 2012).



*Figura 2.* Exemplo de construção de tentativa no IRAP. A palavra “Pleasant” (prazeroso), na parte superior, corresponde ao estímulo modelo. A palavra “Love” (amor), no centro, corresponde ao estímulo alvo e as palavras “Similar” (similar) e “Opposite” (oposto), na parte inferior, correspondem aos estímulos que podem caracterizar a relação entre o estímulo modelo e alvo. (Adaptado de Barnes-Holmes, Barnes-Holmes, Power, Hayden, Milne e Stewart, 2006, Figura 1).

Os autores identificaram que os participantes do grupo com treino simultâneo, ao se comparar os blocos de relações consistente e inconsistente como um todo, ou seja, sem diferenciação de estímulos alvo (face feliz ou com raiva), não apresentaram diferenças significativas de latência. Apesar disso, ao analisar essa diferença levando em consideração o estímulo alvo apresentado, identificaram que a latência foi menor nos blocos consistentes e maior nos inconsistentes quando o estímulo alvo era uma face feliz e, contrariamente, quando era uma face com raiva, maior latência ocorreu nas tentativas consistentes e menor nas inconsistentes (Bortoloti & de Rose, 2012).

Já para o grupo com atraso, quando comparados os tipos de blocos (consistente e inconsistente), a menor latência ocorreu nos blocos consistentes. Ao separar a análise por estímulos alvo a latência mais baixa foi observada nos blocos de relações consistentes, tanto para as faces felizes como para as faces com raiva (Bortoloti & de Rose, 2012).

Bortoloti e de Rose (2012) discutem que apesar das classes terem emergido em ambos os grupos, o IRAP demonstrou a existência de diferenças entre as classes formadas com treino simultâneo e com treino com atraso o que demonstra a validade do IRAP para a mensuração da relação estabelecida entre os estímulos e aponta para o uso do treino com atraso como promotor de relações mais fortes.

Como dito anteriormente, para além do IRAP, a EDS também tem sido utilizada como instrumento de medida padronizado de preconceito investigado a partir de procedimentos de MTS. Essa escala foi desenvolvida por Osgood (1952) e busca, primordialmente, medir o significado atribuído a diferentes fatores, que incluem palavras, imagens, desenhos, expressões, objetos, entre outros (cf. Almeida, Bortoloti, Ferreira, Schelini & De Rose, 2014; Pasquali, 1999). Esse processo de atribuição de significados determina, segundo Pasquali (1999), a direção da ação do indivíduo e, segundo Almeida et. al. (2014), através dela é possível o registro, quantificação e comparação do significado atribuído por diferentes indivíduos e em diferentes situações aos estímulos.

A EDS é composta por uma sequência de 13 escalas, correspondentes a 13 pares de adjetivos bipolares. Nela, um estímulo é escolhido (estímulo discriminativo) e a partir dele o indivíduo deve responder às escalas. Para isso, deve marcar no contínuo de cada par de adjetivo, o intervalo que ele julga melhor representar o estímulo indicado. Entre um adjetivo e outro existem sete intervalos (-3; -2; -1; 0; 1; 2; 3), sendo que quanto mais próximo de cada pólo, mais forte é a relação com o adjetivo desse pólo (Almeida et. al. 2014; Pasquali, 1999).

Almeida et. al. (2014) em estudo, investigaram validade da EDS com 196 universitários. Para isso, eram apresentadas figuras de faces com diferentes emoções e figuras abstratas, diante das quais os participantes deveriam assinalar, nas 13 escalas, o intervalo que melhor se relacionasse com o estímulo apresentado. O intervalo central foi considerado o

ponto neutro e quanto mais perto dos intervalos das extremidades, mais fortemente relacionado estaria o estímulo apresentado do adjetivo descrito naquela extremidade.

Os autores encontraram coeficientes de alfa de Cronbach aceitáveis, de modo que dois fatores foram identificados, a saber: avaliação que mensura “características inerentes a qualidades físicas e afetivas dos estímulos avaliados” (Almeida et. al. 2014, p. 276) e potência que une a mensuração de atividade e potência dos estímulos. Almeida et. al. (2014) apontaram que a possibilidade de unir os pares em fatores permite medidas quantitativas, o que não seria possível se não houvesse relação entre os itens da escala.

Com esses resultados, Almeida et. al. (2014) destacaram a potencialidade do diferencial semântico para a complementação do MTS, tendo em vista que o diferencial semântico permite uma mensuração das relações de equivalência estabelecidas. A mensuração do grau dessa relação possibilita a quantificação da transferência de funções entre os estímulos de uma classe. Dessa forma, se avaliações similares são observadas nos membros de uma classe, pode-se dizer que os estímulos estão igualmente relacionados. Por outro lado, se essa similaridade não é encontrada, há a possibilidade de que não haja uma igualdade de relação entre os estímulos.

Portela (2014), utilizando o procedimento de MTS e a EDS, buscou em seu estudo investigar o uso do procedimento de MTS na formação e na reorganização de classes de equivalência envolvendo estímulos abstratos e os biotipos corporais magro, peso normal e obeso. Foi investigado se treinos de reversão influenciariam na organização das classes e, usando da EDS, antes e depois dos treinos de reversão, buscou-se observar se estímulos abstratos iriam adquirir a função do biotipo a eles relacionado.

Participaram da pesquisa 101 estudantes divididos em duas fases. Na primeira fase, participaram 90 indivíduos e objetivou-se escolher os estímulos (silhuetas e adjetivos) que comporiam a Fase 2. Para a seleção das silhuetas foi entregue um instrumento com 42

imagens de silhuetas no qual os participantes deveriam classificá-las entre biotipo magro, normal ou obeso. Para a seleção dos adjetivos os participantes deveriam relacionar cada biotipo com os adjetivos da lista que lhes era entregue, de acordo com o que julgassem apropriado (Portela, 2014).

No segundo momento da pesquisa, 11 participantes diferentes da fase anterior foram separados em grupo controle e experimental, sendo os indivíduos do grupo experimental os que passaram pelos treinos de reversão de classes de equivalência (Portela, 2014). Os estímulos utilizados nessa fase foram divididos em dez conjuntos: de figuras geométricas (X e Y), figuras abstratas (B, C e D), figuras coloridas (F,G e H), silhuetas (A) e adjetivos (E), com três variações nos dois últimos (Portela, 2014).

Inicialmente, os participantes dos dois grupos responderam a uma EDS de 13 pares de adjetivos, assim como a escrita por Almeida et. al. (2014) e Pasquali (1999). A escala era composta pelos estímulos dos conjuntos A e D, como estímulos modelo. Em seguida foi realizado um pré-treino, para familiarizar os participantes com a tarefa de pareamento. Os treinos e testes que se seguiram foram divididos em duas etapas. Na primeira etapa foram treinadas as relações AC, BC e CD e o Treino misto com as três relações; então, foram aplicados os testes de formação de classes de equivalência. Após essa etapa, a EDS foi aplicada novamente, com os mesmos estímulos (Portela, 2014).

Para a segunda etapa do MTS, Portela (2014) aplicou para o grupo experimental o treino de reversão com os estímulos C e D (treino CDr, com as novas relações C1D2, C2D3, C3D1), aplicou o treino ED (considerado de reversão, tendo em vista as novas relações que se buscou treinar em CDr) e o Treino misto (AB, BC, CDr e ED), seguidos dos testes de reorganização de classes. Já no grupo controle, para que a exposição fosse similar ao grupo experimental, foram feitos os treinos HF, FG (estímulos familiares) e Treino misto (HF, FG),

seguido dos testes de formação de classes de estímulos familiares. Ao final, ambos os grupos foram submetidos novamente a mesma EDS da etapa anterior (com os estímulos A e D).

Como resultado, a autora observou que na primeira etapa do procedimento de MTS os participantes atingiram os critérios nos treinos e, nos testes, demonstraram a formação das classes de equivalência. Para segunda etapa, o desempenho acurado foi observado nos treinos tanto do grupo controle como no experimental. Por outro lado, nos testes desta etapa, apenas o grupo controle demonstrou a formação das classes, com desempenho preciso nos três testes (Portela, 2014). O grupo experimental, de outro modo, não apresentou consistência nos testes de reorganização de classes, sendo que respostas mais precisas foram verificadas nos testes de Simetria, em comparação com o de Transitividade e Equivalência, nos quais as respostas estiveram mais sobre controle das relações originalmente treinadas na primeira etapa.

Portela (2014) sugeriu que o baixo desempenho nos testes de transitividade e equivalência pode estar relacionado com a história pré-experimental, tendo em vista que os estímulos usados possuem um significado prévio socialmente estabelecido. Ou ainda, em função da quantidade de treinos ocorridos e a quantidade de classes envolvidas nas reversões.

As avaliações realizadas na EDS apontaram para uma tendência do grupo experimental em avaliar as silhuetas magras (A1) com valores mais negativos na terceira aplicação da escala, em comparação com as anteriores. Enquanto que para os estímulos abstratos (D1), as avaliações tenderam a ser nulas na terceira aplicação, mas diminuindo entre a segunda e a terceira. O grupo controle tendeu a avaliar as silhuetas magras positivamente nas três aplicações e as figuras abstratas de forma mais positiva ao longo do procedimento (Portela, 2014). As avaliações do grupo experimental e controle das silhuetas de peso normal (A2), tenderam a valores nulos com o avanço do procedimento. Para as figuras abstratas (D2) essa tendência se manteve constante nas três aplicações para o grupo experimental, mas para

o grupo controle os valores da segunda e terceira aplicação mostraram-se mais positivos, em comparação à primeira.

Por fim, Portela (2014) observou que o grupo experimental se aproximou de avaliações mais positivas para as silhuetas obesas (A3) ao longo das três aplicações, mas para o estímulo abstrato (D3) essa tendência positiva se manteve constante a todo momento. Por outro lado, as avaliações do grupo controle, avançaram para valores mais negativos para as silhuetas e se mantiveram entre neutro e positivo para D3. Esses resultados indicam que estímulos abstratos tendem a ser avaliados de maneira similar aos significados atribuídos ao estímulo a eles relacionados. O que ocorreu tanto para a formação como para a reorganização de classes, mesmo que as relações de equivalência não tenham sido verificadas nos testes, fator que destaca a EDS como uma forma de quantificação dessa transferência, tendo em vista que houve mudança nas avaliações.

### **Controle de Estímulos e Falhas na Formação/Reversão de Classes de Equivalência em Estudos sobre o Preconceito**

Os estudos de transferência de função e/ou reversão de classes de equivalência com estímulos socialmente relevantes têm reportado variabilidade no desempenhos de participantes e/ou, ainda, resultados negativos quando é observada a ausência da reversão e/ou da transferência (e.g., de Carvalho & de Rose, 2014; Haydu, Camargo & Bayer, 2015; Portela, 2014; Rosendo & Melo, 2018; Santos & Medeiros, 2017).

Alguns dos estudos que alcançam estes resultados propõem que parte deles pode ser explicada pela história pré-experimental dos participantes, tendo em vista, que são utilizados estímulos socialmente relevantes e que estes, podem entrar em conflito com as relações que se pretende estabelecer no estudo. Para além da história pré-experimental, de Carvalho & de Rose (2014) propuseram ainda em seus resultados que as características dos estímulos selecionados podem ter exercido controle sobre o comportamento dos participantes e



sugerem que metodologias mais formais, para a seleção dos estímulos, sejam empregadas em estudos futuros. Além disso, Almeida et. al. (2014) sugeriram que uma variação no nível de transferência das relações, pode estar relacionada com os parâmetros experimentais adotados e que sua manipulação pode diminuir tal variação.

Estudos sobre controle de estímulos têm demonstrado que partes específicas dos estímulos podem exercer controle sobre o comportamento (e.g., Moreira, Oliveira & Hanna, 2017; Reynolds, 1961). Reynolds (1961), por exemplo, buscou variar características físicas dos estímulos e observar o comportamento de dois pombos (105 e 107), diante dessas variações. Um disco foi iluminado com dois estímulos compostos, ora sendo um triângulo branco em um fundo vermelho, ora um círculo branco em um fundo verde. Cada um desses estímulos era apresentado por três minutos e, dentro desse período, a resposta de bicar diante do triângulo com fundo vermelho, era reforçada com alimento, mas se esta resposta ocorresse diante do círculo com fundo verde, nenhuma consequência era fornecida. No teste, os estímulos foram decompostos, portanto, o disco foi iluminado separadamente ou com o triângulo, ou com círculo, ou com a cor verde, ou com a cor vermelha e nenhuma resposta era reforçada.

Após os treinos, o autor identificou que o triângulo no fundo vermelho passou a exercer controle discriminativo sobre a resposta de bicadas de ambos os pombos, tendo em vista, que eles passaram a bicar o disco apenas diante desse estímulo. Por outro lado, ao apresentar os estímulos separadamente, a frequência de respostas do pombo 105 foi maior diante do triângulo e menor diante da cor vermelha, mesmo com a condição sendo apresentada em extinção. Enquanto que para o pombo 107 a maior quantidade de respostas aconteceu diante da cor vermelha (Reynolds, 1961). O autor discute que, mesmo que a resposta de ambos os pombos tenha sido reforçada diante do estímulo composto, triângulo com o fundo vermelho, as respostas estavam sob controle de apenas uma das propriedades do

estímulo. Dessa forma, Reynolds, aponta que as diferentes características de um estímulo não exercem o mesmo controle sobre uma resposta mesmo que diante dele, essa resposta tenha sido reforçada.

De Carvalho (2010) em estudo envolvendo preconceito racial, esperava que os participantes revertissem a relação entre faces de negros e atributos negativos, observada em pré-teste. No entanto, no geral, esse resultado não foi encontrado e a autora argumenta que as respostas de alguns participantes, possivelmente estivessem sob controle “não apenas à cor dos homens das fotos, mas também aos olhos, à boca e ao cabelo” (de Carvalho, 2010, p. 72), prejudicando a discriminação controlada pela característica de interesse.

Tais conclusões têm sido corroboradas em estudos experimentais recentes da Psicologia social (Stepanova & Strube, 2009; Stepanova & Strube, 2012; Song, Vonasch, Meier & Bargh, 2012), que têm demonstrado que diferentes características podem influenciar na percepção que se tem de um estímulo e no julgamento feito acerca dele, o que Stepanova e Strube (2009) sugeriram como uma possibilidade explicativa para a a variabilidade de resultados encontrados em estudos acerca de preconceito contra determinados grupos étnicos.

Considerando estas questões sobre controle de estímulos, o presente estudo teve como objetivo investigar como diferentes formas de apresentação de um estímulo (mulheres magras e obesas, com três variações cada) podem influenciar nas respostas de avaliação dos indivíduos. A resposta de avaliação foi caracterizada considerando as respostas à Escala de diferencial semântico com relação aos estímulos aprestados. Utilizou-se a EDS como ferramenta que permite quantificar os significados atribuídos a um estímulo e, assim, observar se os significados serão atribuídos de formas diferentes a depender das características dos estímulos apresentados.

Tendo em vista os resultados de estudos que não apresentaram a formação ou a reversão de classes e a literatura de controle de estímulos, A presente pesquisa pôde

contribuir com estes estudos pois buscou a manipulação de estímulos e a verificação de vieses, que determinada apresentação pode ocasionar, possibilitando mudanças para estudos futuros dentro do paradigma de relações de equivalência. Além disso, a pesquisa ainda conta com relevância social, tendo em vista que a EDS permite a atribuição de significados, a observação de quais destes são atribuídos a depender do biotipo apresentado, podendo indicar possíveis comportamentos preconceituosos. Por fim, a pesquisa conta ainda com relevância para a atuação do psicólogo clínico, que em sua prática se depara com os relatos verbais de seus clientes de diferentes estímulos, acerca dos quais são atribuídas avaliações e significados.

## **Experimento I**

### **Método**

**Participantes.** Participaram da pesquisa 33 indivíduos, com idades entre 15 e 53 anos, sendo nove do gênero masculino e 24 feminino. No que diz respeito ao nível de escolaridade, 29 participantes, o equivalente a 87,9% da amostra, declararam ter Ensino Superior Completo ou Incompleto, três (9,1%) ter Ensino Médio e um ter apenas Ensino Fundamental.

**Materiais e instrumentos.** A pesquisa foi realizada por meio de um formulário online, elaborado com a ferramenta Google Forms. O formulário de coleta de dados foi enviado através de um link. Esse formulário era composto por uma seção com as instruções para a realização da atividade, uma seção para que o participante informasse seu nível de escolaridade e, caso tivessem o nível superior completo ou cursando, deveriam informar qual o curso, além de diferentes seções para a avaliação de cada item separadamente e uma última seção para a confirmação de envio do formulário.

Nas seções de avaliação das fotografias, uma figura foi apresentada no topo da tela e 13 pares de adjetivos bipolares apresentados logo abaixo. Estes pares foram extraídos de Portela (2014) e Almeida et. al. (2014) e correspondiam aos seguintes adjetivos:

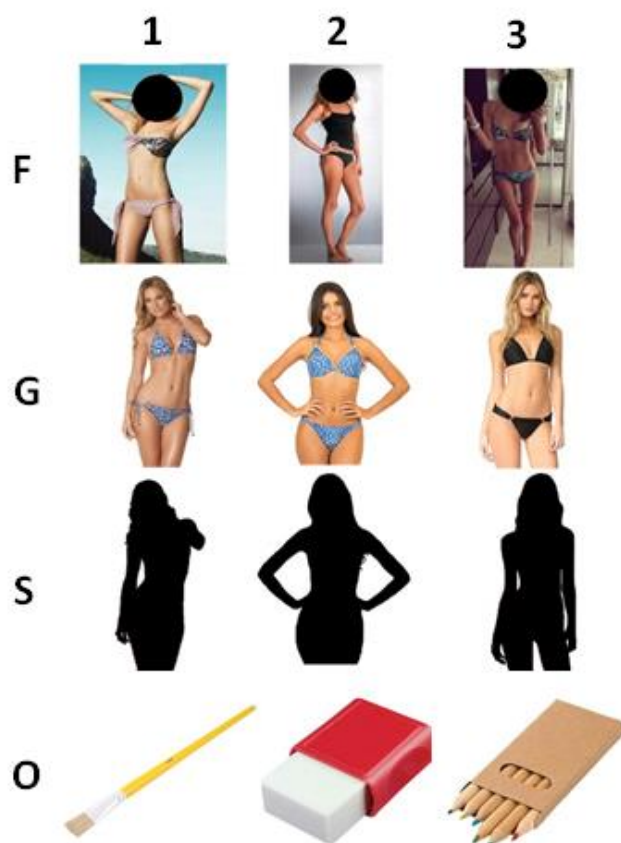
Triste/Alegre, Tenso/Relaxado, Áspero/Liso, Lento/Rápido, Feio/Bonito, Pesado/Leve, Negativo/Positivo, Passivo/Ativo, Duro/Macio, Mau/Bom, Desagradável/Agradável, Pobre/Rico, Submisso/Dominante. Em cada par, as palavras que estão à esquerda representam os adjetivos negativos e aquelas à direita, os positivos.

Na escala apresentada no formulário, os pares Triste/Alegre, Tenso/Relaxado, Pesado/Leve, Negativo/Positivo, Desagradável/Agradável, Submisso/Dominante foram apresentados mantendo-se o adjetivo negativo à esquerda e o positivo à direita. Já os demais pares tiveram a posição dos adjetivos invertida, por exemplo, o par Mal/Bom, na escala foi apresentado como Bom/Mal, o par Áspero/Liso na escala passou a ser Liso/Áspero e assim sucessivamente para os demais pares. Essa alteração foi realizada com objetivo de diminuir a probabilidade de que as respostas ficassem sob controle de outras variáveis, que não os adjetivos descritos no par. A disposição dos pares na escala foi feita levando em consideração o critério de que, no máximo, apenas dois adjetivos positivos ou negativos fossem apresentados seguidamente ou na esquerda ou na direita da escala.

Os estímulos utilizados foram três fotografias de mulheres magras, retiradas da pesquisa de Santos & Medeiros (2017), (conjunto F, assim nomeado pois as figuras possuem fundo colorido), três fotografias de mulheres magras retiradas do banco de dados público *Google Imagens* (conjunto G, por terem sido retiradas do *Google Imagens*), três silhuetas (conjunto S) e três objetos também retirados do *Google Imagens* (conjunto O). No total, foram utilizados 12 estímulos, ilustrados na Figura 3. Todas as fotografias foram colocadas em um retângulo de diâmetro 400 X 400 px (pixels).

Para a seleção das fotografias no *Google Imagens*, foram utilizados os seguintes critério de seleção: as modelos deveriam estar usando lingerie ou biquínis e estar de frente; deveriam ter idade aparente entre 20 e 30 anos; o fundo da foto deveria ser branco e ter caráter comercial. Além disso, foi feita uma comparação das fotos com a Escala de Silhuetas

de Stunkard. Nessa comparação as fotografias foram submetidas a 8 juízes, eles deveriam relacioná-las com os itens da escala e marcar aquele ao qual a fotografia mais se assemelhava. As fotografias utilizadas foram as avaliadas como similares às silhuetas dois ou três da escala.



*Figura 3.* Estímulos utilizados no experimento I. Conjunto F (fundo). Conjunto G (Google imagens). Conjunto S (silhuetas). Conjunto O (objetos).

As silhuetas foram elaboradas tendo como base as fotografias retiradas do *Google Imagens* (são as mesmas dos conjunto G). Estas foram manipuladas utilizando-se o software *Paint*, onde o corpo das modelos foi pintado de preto, inicialmente sendo contornados e posteriormente preenchido para que pudessem ser caracterizadas como silhuetas. Por fim, para a seleção dos objetos, o critério utilizado consistia em que todos fossem objetos de papelaria e que as imagens possuíssem boa resolução.

**Procedimento.** O link para responder ao formulário foi enviado através de redes sociais. A mensagem que acompanhava o link foi a seguinte:

Olá!

Meu nome é Bárbara, estudante do 10º semestre do curso de Psicologia do UniCEUB. Estou conduzindo uma pesquisa de conclusão de curso sobre percepção, sob a orientação do Prof. Dr. Márcio Borges Moreira e gostaria de convidar você a participar dessa pesquisa.

Sua participação na pesquisa consistirá responder a um questionário no qual serão apresentadas algumas imagens de mulheres e objetos de papelaria. Essa atividade durará cerca de 15 minutos e sua colaboração é muito importante.

Você poderá acessar a pesquisa através do link abaixo, que lhe direcionará para o formulário online. O formulário ficará aberto para respostas até dia 06/10/2019.

<http://bit.ly/BarbaraCeub1>

Desde já, agradecemos sua participação!

Ao clicar no link disponível na mensagem, uma página no navegador de internet era aberta no dispositivo que o participante estivesse utilizando, como por exemplo, tablets, notebooks, smartphones ou computadores. Nesta página foi apresentada a primeira tela do formulário com a seguinte instrução:

Em cada seção do questionário aparecerão diferentes imagens para você. Logo abaixo de cada uma delas, serão apresentadas escalas que variam de 1 a 7. Você deverá classificar as imagens nessas escalas de acordo com a sua percepção. Algumas imagens aparecerão mais de uma vez.

Quanto mais próxima sua marcação estiver do adjetivo do lado esquerdo ou do adjetivo do lado direito da escala, mais você relaciona a imagem com aquela característica. Avaliações iguais a 4 correspondem a uma avaliação neutra.

Os dados coletados nesta pesquisa serão apresentados em congressos científicos e artigos. No entanto, asseguramos o sigilo de qualquer informação que possa levar a sua identificação e você tem toda liberdade para escolher não responder ao questionário, assim como para interromper o preenchimento a qualquer momento, caso desejar.

Para iniciar, clique no botão "Próxima" (abaixo).

Após ler a instrução e clicar em "Próxima", o participante era encaminhado para outra página para uma breve coleta de dados, na qual ele deveria fornecer informações acerca de gênero, idade e nível de instrução. Se no nível de instrução o participante selecionasse as opções "Ensino fundamental" ou "Ensino médio", clicando em "Próxima" iria diretamente para o primeiro item a ser avaliado. Caso selecionasse a opção "Ensino Superior completo/incompleto", era direcionado a uma seção onde deveria informar o seu curso e, clicando em "Próxima", o primeiro item era apresentado.

A Figura 4 ilustra a página de apresentação dos itens. Nesta figura, a fotografia na parte superior é o estímulo para avaliação e abaixo da fotografia a escala Triste/Alegre ilustra um dos 13 pares de adjetivos que foram utilizados e apresentados ao mesmo tempo. Um exemplo completo de como as tentativas eram apresentadas é ilustrado no Apêndice A. Diante de um estímulo, a avaliação para cada um dos pares era possível quando o participante rolasse a tela para baixo.



*Figura 4.* Recorte de exemplificação da apresentação dos itens.

Para preencher as escalas o participante deveria clicar no ponto das escalas que correspondesse à sua opinião. Por exemplo, na Figura 4, no par de adjetivos Triste/Alegre, ao clicar no círculo abaixo do número 1 representava que a avaliação do participante, para aquele estímulo era Triste; clicar no círculo abaixo do número 4 representava uma avaliação neutra; e no círculo abaixo de 7, avaliação era correspondente a Alegre. Após a avaliação dos 13 pares de adjetivos os participantes clicavam no botão escrito “Próxima”, que estava ao final de todas as avaliações. Ao clicar no botão, um novo item era apresentado para ser avaliado. Cada estímulo foi apresentado duas vezes, sendo programados portanto 24 itens, distribuídos de forma semi randomizada, ou seja, a ordem das imagens foi sorteada, no entanto, caso três ou mais figuras do mesmo conjunto de estímulos estivessem seguidas, houve mudança na sua disposição. Ao final dos 24 itens a mensagem “Obrigada pela sua participação!” aparecia e o participante deveria clicar em “Enviar” para finalizar e confirmar sua participação.

## **Resultados**

O Experimento I contou com 33 participantes, sendo nove do gênero masculino e 24 do gênero feminino, com idades variando de 15 a 53 anos. Além disso, 29 participantes, o



equivalente a 87,9% da amostra, declararam ter Ensino Superior Completo ou Incompleto, três (9,1%) ter Ensino Médio e um ter apenas Ensino Fundamental.

Para que fosse realizada a análise dos dados, os adjetivos Liso/Áspero, Rápido/Lento, Bonito/Feio, Ativo/Passivo, Macio/Duro, Bom/Ruim e Rico/Pobre, que haviam sido invertidos na aplicação, tiveram suas posições reorganizadas de modo que, nos 13 pares, os adjetivos negativos correspondessem a avaliação 1 (à esquerda) e os positivos correspondessem a 7 (à direita). Esta inversão foi realizada subtraindo-se de oito o valor da média de todas avaliações daquele item.

Após essa reorganização, para que os dados fossem analisados em uma escala que compreendesse o intervalo de -3 a 3, de acordo com o que é proposto por Osgood para a EDS. As avaliações iguais a 1 foram transformadas para -3, as iguais a 2 para -2, iguais a 3 para -1, iguais a 4 para 0, iguais a 5 para 1, iguais a 6 para 2 e iguais a 7 para 3, passando do intervalo 1 - 7 para -3 - 3. De modo que, a avaliação 4 feita pelos participantes correspondesse ao ponto 0 para análise de dados, a avaliação 1 fosse equivalente a -3 e a avaliação 7 equivalente a 3.

Na Figura 5 estão ilustrados os dados referentes à média das avaliações entre as três figuras de cada um dos quatro conjuntos de estímulos utilizados: Estímulos G (figuras retiradas do Google Imagens, que passaram por maior critério de seleção), Estímulos S (figuras de silhuetas, manipuladas a partir dos Estímulos G), Estímulos F (figuras retiradas de estudo anterior, selecionadas sem critérios mais rígidos) e Estímulos O (objetos de papelaria retirados do Google Imagens).

Na Figura 5, o gráfico superior esquerdo representa os dados da categoria G. O gráfico superior direito, os dados da categoria S. O gráfico inferior esquerdo, os dados da categoria F. O gráfico inferior direito os dados da categoria O.

Pode-se observar, na Figura 5, que as avaliações referentes aos Estímulos G, tenderam a ser mais positivas, sendo iguais ou maiores que 0,8, com exceção dos pares Tenso/Relaxado (0,1), Lento/Rápido (-0,2), Passivo/Ativo (0,2) e Submisso/Dominante (0,1). Os estímulos S apresentaram uma tendência a avaliações mais próximas de 0, localizadas no geral entre 0 e 0,4. Os adjetivos que tiveram as maiores avaliações foram Áspero/Liso (0,7), Feio/Bonito (0,6) e Pesado/Leve (0,7), mas ainda menores que 1. Apenas o par de adjetivos Passivo/Ativo obteve avaliação negativa, de -0,1. Em comparação com G, as avaliações dos estímulos S, apresentaram menor variabilidade entre itens. Ao se comparar as avaliações dos estímulos da categoria G e S por meio da análise estatística do Teste T, observou-se que diferenças estatisticamente significativas, ao nível de  $p \leq 0,05$ , ocorreram para todos os pares de adjetivos, com exceção dos pares “Tenso/Relaxado” (0,44) e “Submisso/Dominante” (0,12).

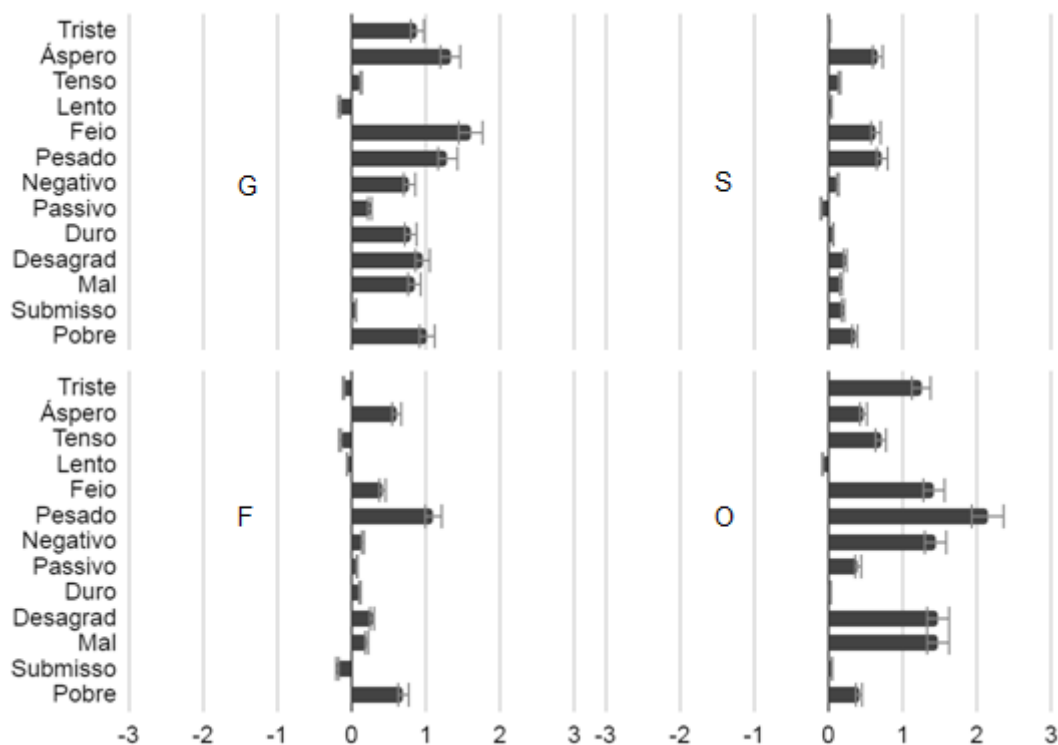


Figura 5. Média de avaliações entre os três estímulos usados em cada categoria. O gráfico superior esquerdo representa os dados da categoria G. O gráfico superior direito, os

dados da categoria S. O gráfico inferior esquerdo, os dados da categoria F. O gráfico inferior direito os dados da categoria O.

Para os estímulo do Conjunto F observou-se que apenas o par de adjetivos Pesado/Leve apresentou avaliação maior que 1 (1,1), os demais se aproximaram de 0, indo de -0,2 a 0,7. Os pares com avaliações negativas foram Triste/Alegre (-0,1), Tenso/Relaxado (-0,2), Lento/Rápido (-0,1) e Submisso/Dominante (-0,2). Ao se comparar as categorias G, S e F, pode-se notar que F e S foram as categorias com maior tendência a avaliações neutras, enquanto a categoria G obteve avaliações mais positivas. Ao se comparar as avaliações dos estímulos da categoria G e F por meio da análise estatística do Teste T, foi possível notar que nos pares “Lento/Rápido” (0,19), “Pesado/Leve” (0,07) e “Passivo/Ativo” (0,09), não foram identificadas diferenças estatisticamente significativas ( $p \leq 0,05$ ), já para os demais pares essa diferença foi observada. Ainda no que diz respeito à análise do Teste T, a comparação das categorias F e S foi a que apresentou menos pares de adjetivos com diferenças significativas estatisticamente ( $p \leq 0,05$ ), que ocorreram nos pares “Tenso/Relaxado”, “Pesado/Leve”, “Submisso/Dominante”, “Feio/Bonito” e “Pobre/Rico”, para os demais pares, diferenças estatisticamente significativas não ocorreram, a saber: “Triste/Alegre” (0,16), “Áspero/Liso” (0,35), “Lento/Rápido” (0,18), “Negativo/Positivo” (0,42), “Passivo/Ativo” (0,06), “Duro/Macio” (0,32), “Desagradável/Agradável” (0,34), “Mal/Bom” (0,37).

Na categoria dos estímulos O, apenas no par Lento/Rápido observou-se uma avaliação negativa, de -0,1. Os demais pares tiveram avaliação entre 0 e 2,1, sendo o par Pesado/Leve o de maior avaliação. As avaliações dos estímulos dessa categoria apresentaram mais semelhança com as avaliações dos estímulos G, por sua tendência a avaliações positivas mais significativa e maior variabilidade entre itens. Quando utilizado o Teste T para a comparação das categorias G e O, identificou-se que houve diferença estatisticamente significativa ( $p \leq$

0,05) para a maioria dos pares de adjetivos, com exceção de “Lento/Rápido” (0,27), “Feio/Bonito” (0,09), “Passivo/Ativo” (0,16) e “Submisso/Dominante” (0,47).

O par de adjetivos Pesado/Leve obteve as avaliações mais altas ao se comparar as quatro categorias, em G a média de avaliação entre os três estímulos usados, foi de 1,3, em S 0,7 e em F 1,1. Nos pares Feio/Bonito e Áspero/Liso, também foi observado que as avaliações tenderam a ser maiores, que as demais, nas três categorias. No que diz respeito às menores avaliações, Lento/Rápido é o par que apresentou maior consistência entre categorias, com avaliação de -0,2 em G, de 0 em S e de -0,1 em F.

Levando em consideração que cada estímulo foi apresentado duas vezes aos participantes, a Figura 6 ilustra a média das avaliações das duas ocorrências de cada estímulo, em suas respectivas categorias. Pode-se observar que em G, as avaliações de todos os estímulos tenderam a ser mais positivas. Os pares de adjetivos Áspero/Liso, Feio/Bonito e Pesado/Leve foram os que apresentaram as maiores avaliações nos três estímulos, sendo elas maiores ou iguais a 1. Apenas quatro avaliações negativas foram observadas, duas em G1, de -0,2 e duas em G3, de -0,3 e -0,1.

Nas silhuetas (S) foi possível notar que, para os três estímulos usados, as avaliações mantiveram uma tendência à neutralidade. Os pares de adjetivos Áspero/Liso, Feio/Bonito e Pesado/Leve apresentaram correspondência de avaliações entre os três estímulos, sendo estes os que obtiveram as maiores avaliações, localizadas entre 0,6 e 0,8.

Para os estímulos F, verificou-se maior variação entre os três estímulos (Figura 6). Em F1, todas as avaliações foram positivas e variaram de 0,1 a 1,4. Em F2, no geral, as avaliações também foram positivas, variando de 0 a 0,5 e apenas o par Pesado/Leve alcançou 1, os pares que tiveram avaliações negativas foram Triste/Alegre (-0,2), Tenso/Relaxado (-0,4), Lento/Rápido (-0,1) e Submisso/Dominante (-0,3). Por outro lado, F3 foi o estímulo desta categoria que apresentou maior tendência a avaliações negativas, que variaram entre -

0,8 e -0,3, com exceção dos pares Áspero/Liso, Pesado/Leve e Pobre/Rico, que obtiveram avaliações positivas (0,4, 0,9 e 0,5, respectivamente).

Apesar das diferenças entre os estímulos de F, foram observadas constâncias. O par Pesado/Leve foi o que apresentou as maiores avaliações dentre todos os pares, nos três estímulos. Além disso, apesar da avaliação de Lento/Rápido e de Submisso/Dominante ter sido positiva em F1, foram os itens que tiveram as menores avaliações, 0,2 e 0,1, respectivamente e estes itens, tanto em F2, como em F3, apresentaram avaliações negativas.

Por fim, no que diz respeito à Figura 6, os estímulos da categoria dos Objetos (O), no geral, apresentaram avaliações positivas, com exceção do par Lento/Rápido em O1 (-0,2), Submisso/Dominante em O2 (-0,1) e dos pares Áspero/Liso (-1,1), Lento/Rápido (-0,3) e Duro/Macio (-1,4) em O3. O estímulo O3 foi o que apresentou maior variabilidade entre itens, com avaliações indo de -1,4 a 2,2.

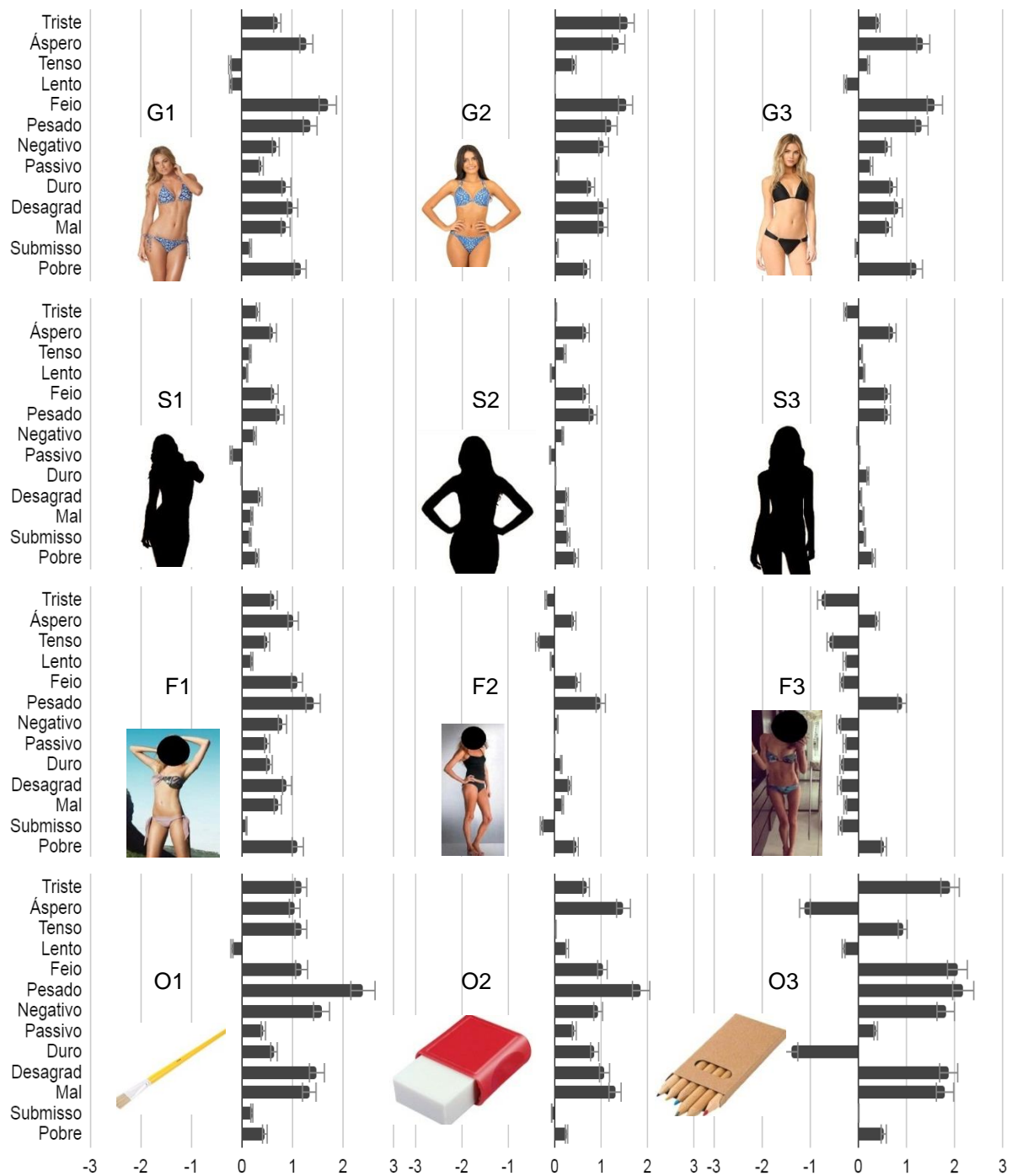


Figura 6. Média de avaliações por estímulos, calculadas somando-se as avaliações das duas ocorrências de cada estímulo ao longo do procedimento. A parte superior corresponde aos dados dos três estímulos da categoria G. A segunda linha de gráficos, corresponde aos dados dos três estímulos da categoria S. A terceira linha de gráficos, aos dados dos três

estímulos da categoria F. E a última linha de gráficos corresponde aos dados dos três estímulos da categoria O.

Ao se considerar que cada um dos estímulos foi apresentado duas vezes ao longo da aplicação, e após uma análise comparativa visual das avaliações médias nas duas ocorrências da mesma figura. Foi possível observar que apenas S2 e S3 apresentaram avaliações discrepantes entre suas duas ocorrências, como ilustra a Figura 7. De modo que na primeira aparição de S2, notou-se maior ocorrência de avaliações negativas verificadas em cinco pares de adjetivos, enquanto que na sua segunda aparição, nenhuma avaliação negativa foi observada. Já em S3, seis avaliações negativas foram percebidas em sua primeira ocorrência e apenas uma na segunda. Para os demais estímulos, foram observadas consistências nas avaliações das duas ocorrências.

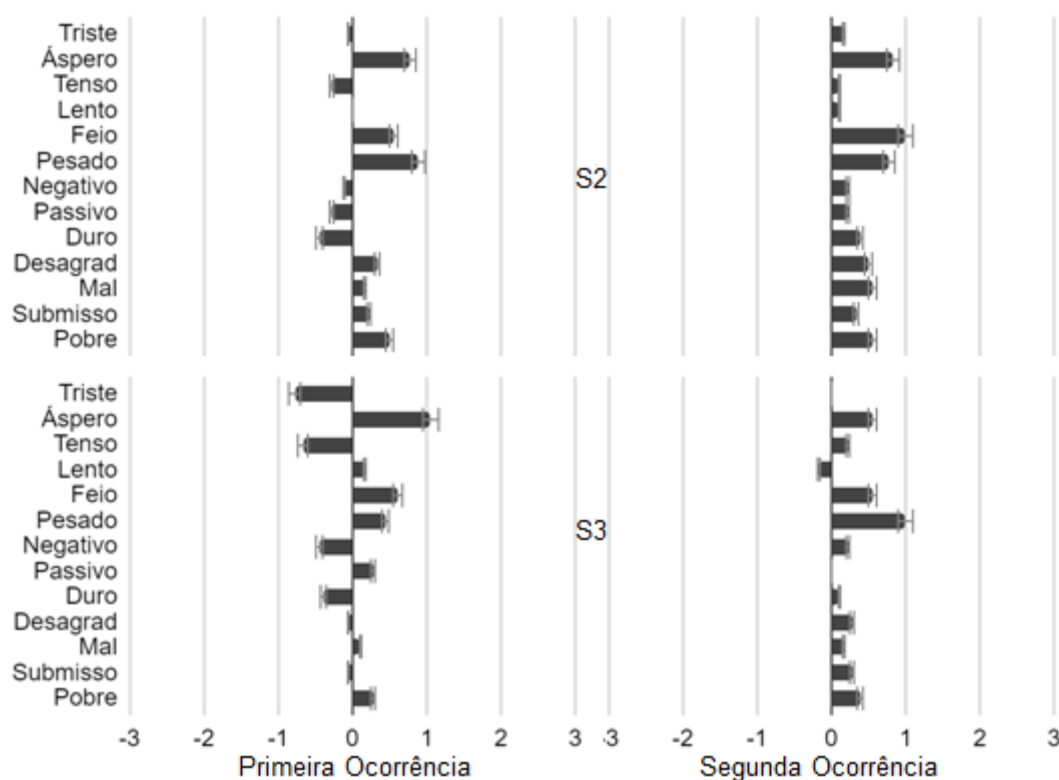


Figura 7. Avaliação média obtida na primeira e na segunda ocorrência dos estímulos S2 e S3.

## Discussão

Esse estudo buscou comparar se diferentes maneiras de apresentação de figuras de mulheres magras poderiam influenciar nas suas avaliações. Foi possível notar que os estímulos G tiveram avaliações positivas maiores, quando comparado com os estímulos S e F, que no geral, estiveram mais próximos a zero.

Ao se comparar as avaliações dos três estímulos da categoria F foi possível notar que as avaliações de F1 tenderam a avaliações mais positivas, F2 mais neutra e F3 mais negativas. Uma possibilidade explicativa para essa variação diz respeito ao fato de que os estímulos dessa categoria foram escolhidos sem maiores definições metodológicas, tais como os critérios que foram usados para a seleção dos estímulos da categoria G, sendo que o único critério utilizado, na categoria F, era que as mulheres fossem magras, de acordo com julgo do pesquisador. Além disso, F1 é um estímulo que, no geral, tem características mais próximas das figuras de G, tais como: ser fotografia de modelo, o uso de biquíni e o fato da mulher estar de frente, o que poderia explicar as semelhanças nos resultados. No mais, F3 é uma figura que, diferentemente de F1 e F2, foi aparentemente feita de forma caseira apresentando portanto menor qualidade, o que pode ser explicativo para a tendência a menores avaliações.

Além disso, a mulher ilustrada no estímulo F3 pode ser considerada a mais magra dentre as três, fator que também pode ter influenciado nas avaliações a ela atribuídas. Como destaca Mattos (2012), atualmente o ideal de corpo está muito perpassado pela ideia de corpos musculosos, o que não é uma característica dessa imagem que por outro lado, em uma análise visual, está mais próxima da silhueta 1 da Escala de Stunkard. Assim, pode-se dizer, que imagens que representem formatos corporais muito extremos (no caso do presente estudo, extremo de magreza), podem criar vieses avaliativos e dificultar a formação e a reversão de classes.



De modo contrário, para a seleção dos estímulos G, buscou-se aquelas figuras em que os corpos apresentados fossem identificados nas silhuetas 2 ou 3 da Escala de Stunkard, controle que pode ter minimizado efeitos de biotipos extremos e evitado avaliações mais negativas, como as observadas no estímulo F3. Além disso, a constância de avaliações positivas observada para os três estímulos da categoria G apontam que critérios metodológicos de seleção de estímulos permitem uma captação mais fidedigna do fenômeno. Ou seja, de que essa seleção aumente as chances de que o controle exercido pelos estímulos, seja aquele programado pelo pesquisador (biotipo, neste caso).

Apesar do que foi encontrado para os estímulos da categoria G, as avaliações dos estímulos da categoria S, manipulados a partir dos estímulos categoria G, tenderam a ter maior proximidade de 0. Isso sugere que, possivelmente, as respostas dos participantes diante dos estímulos que compunham a categoria G não estavam sob controle do formato do corpo, mas de outras partes dos estímulos. Isso porque, ao se retirar características desses estímulos na manipulação da categoria S, mantendo apenas o formato do corpo como estímulo discriminativo, a neutralidade observada nas avaliações indica que o biotipo não foi a variável de maior relevância no controle das respostas ocorridas para os estímulos da categoria G.

Diante desse resultado, em a nova análise dos estímulos da categoria G, identificou-se que certas características podem ter influenciado no controle da respostas, como, por exemplo, cor do cabelo, cor do biquíni, presença ou não de sorriso, ou ainda, a posição das mãos das modelos. O que pode ser verificado pelas avaliações atribuídas aos estímulos, por exemplo, G3 é composto por uma modelo de biquíni preto e sem sorriso e, dentre os três, foi o que obteve avaliações mais próximas dos adjetivos “Triste” e “Mal”, nos pares correspondentes a estes adjetivos. Além disso, o estímulos G1 apresentou avaliações mais próximas de “Rígido”, o que pode ser explicado pela posição de uma de suas mãos, que

estava perto do rosto, caracterizando uma posição mais estática, ao contrário de G2 e G3, nas quais ambas as mãos estavam abaixo da cintura.

Com relação aos três estímulos usados na categoria S, apesar da neutralidade encontrada, ao se observar separadamente a primeira e segunda ocorrência de cada um, notou-se que S2 e S3 tenderam a avaliações com maior variabilidade na primeira ocorrência, em comparação com a segunda, na qual as avaliações obtidas foram mais positivas. Uma possibilidade explicativa é de que os participantes possam ter passado a generalizar respostas ao longo das tentativas, tendo em vista que, no geral, os estímulos eram de mulheres magras e que as avaliações tenderam à positividade para todos os estímulos, criando ocasião para a mudança das avaliações na segunda ocorrência de S2 e S3. Entretanto, essa variabilidade não foi observada para os outros estímulos, assim não foi possível encontrar uma clara explicação para este resultado, na presente pesquisa, portanto, novos estudos são necessários para a verificação desta ocorrência e sua explicação.

Por fim, no que diz respeito às avaliações dos estímulos da categoria O, a observação da tendência à avaliações positivas, permite dizer que o instrumento, de fato, captou as avaliações dos participantes e que eles estavam respondendo corretamente à escala, ou seja, suas respostas estavam sob controle dos estímulos apresentados. Apenas para o estímulo O3, notou-se avaliações negativas maiores que -1, que aconteceram nos pares de adjetivos “Áspero/Liso” e “Duro/Macio”, sugere-se que tal resultado ocorreu devido a escolha do estímulo O3, que correspondia a uma caixa de lápis de madeira, justificando a atribuição dos adjetivos Áspero e Duro.

## **Experimento II**

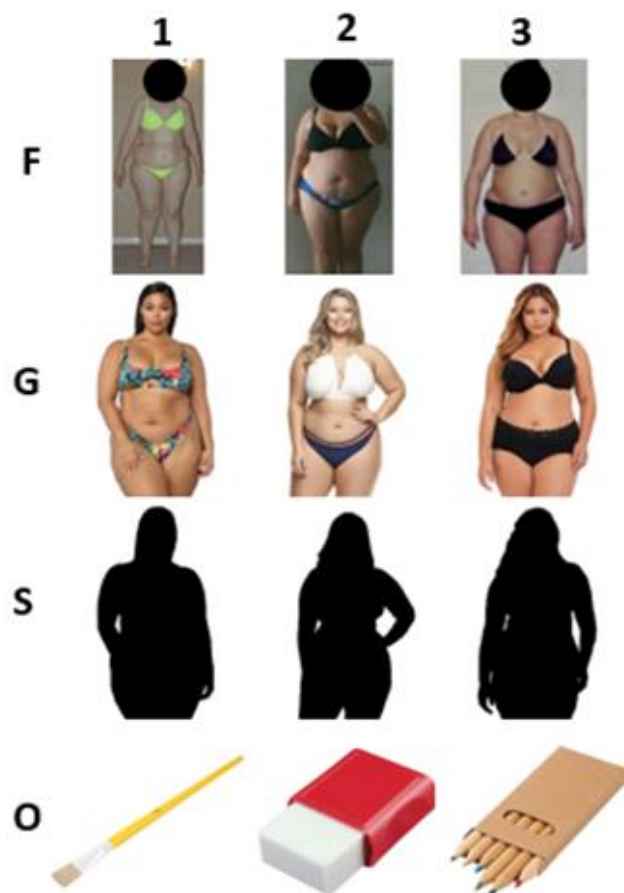
Realizou-se um segundo experimento, que teve como objetivo investigar como diferentes formas de apresentação de estímulos de mulheres obesas podem influenciar nas respostas de avaliação dos indivíduos. A resposta de avaliação foi caracterizada considerando

as respostas à Escala de diferencial semântico com relação aos estímulos aprestados. Utilizou-se a EDS como ferramenta que permite quantificar os significados atribuídos a um estímulo e, assim, observar se os significados serão atribuídos de formas diferentes a depender das características dos estímulos apresentados.

### **Método**

**Participantes.** Participaram 33 indivíduos (diferentes dos que participaram do Experimento I), com idades entre 15 e 53 anos, sendo nove do gênero masculino e 24 feminino. No que diz respeito ao nível de escolaridade, 26 participantes o equivalente a 78,8% da amostra, declararam ter Ensino Superior Completo ou Incompleto e sete (21,2%) ter apenas o Ensino Médio.

**Materiais e instrumentos.** Idêntico ao Experimento I. Contudo, no que diz respeito aos estímulos da categoria G, na avaliação dos oito juízes, as fotografias deveriam ser relacionadas aos itens da Escala de Silhuetas de Stunkard e aquelas que foram avaliadas como sendo similares às silhuetas sete ou oito da escala foram aqui utilizadas. Todas as imagens escolhidas para compor os estímulos desse experimento estão ilustradas na Figura 8.



*Figura 8.* Estímulos utilizados no Experimento II. Conjunto F (fundo). Conjunto G (Google imagens). Conjunto S (silhuetas). Conjunto O (objetos).

**Procedimento.** Idêntico ao Experimento I.

### **Resultados**

O Experimento II contou com 33 participantes sendo nove do gênero masculino e 24 do gênero feminino, com idade variando de 15 a 53 anos. Além disso, 26 participantes, equivalente a 78,8% da amostra, declararam ter Ensino Superior Completo ou Incompleto e sete (21,2%) ter apenas o Ensino Médio.

Para que fosse realizada a análise dos dados realizou-se os mesmos ajustes nas escalas descritos para o Experimento I

Na Figura 9 estão ilustrados os dados referentes à média das avaliações entre as três figuras de cada um dos quatro conjuntos de estímulos utilizados: Estímulos G (figuras retiradas do Google Imagens, que passaram por maior critério de seleção), Estímulos S (figuras de silhuetas, manipuladas a partir dos Estímulos G), Estímulos F (figuras retiradas de estudo anterior, selecionadas sem critérios mais rígidos) e Estímulos O (objetos de papelaria retirados do Google Imagens).

As avaliações referentes aos estímulos G tenderam a ser mais positivas, centrando-se principalmente entre 0,6 (Submisso/Dominante) e 1,8 (Triste/Alegre). As avaliações abaixo desse intervalo foram dos pares Passivo/Ativo, com 0,4, Lento/Rápido e Pesado/Leve, ambos sendo os únicos que obtiveram avaliações negativas nessa categoria, correspondente respectivamente a -0,1 e -0,5 (Figura 9).

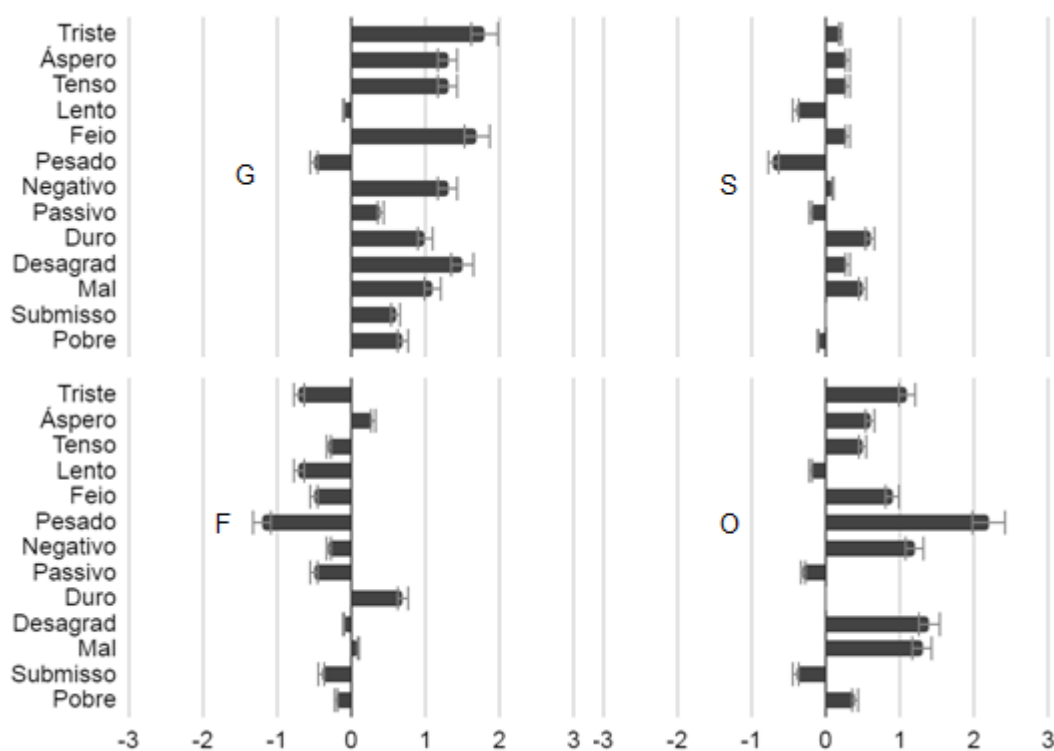


Figura 9. Média de avaliações entre os três estímulos usados em cada categoria. O gráfico superior esquerdo representa os dados da categoria G. O gráfico superior direito, os

dados da categoria S. O gráfico inferior esquerdo, os dados da categoria F. O gráfico inferior direito os dados da categoria O.

No geral, a avaliação média na categoria S ficou mais próxima de 0 e em sua maioria entre 0 e 0,6. Os pares de adjetivos Lento/Rápido, Pesado/Leve, Passivo/Ativo, Pobre/Rico obtiveram avaliações negativas de -0,4, -0,7, -0,2 e -0,1, respectivamente. Pode-se observar que as avaliações de S tenderam a ser próximas a zero e ainda positivas, isto ao se comparar com as avaliações das figuras de G. Além disso, foi observada maior ocorrência de avaliações negativas em S. No que diz respeito à análise estatística do Teste T comparando as categorias G e S, diferenças significativas ( $p \leq 0,05$ ) foram observadas para todos os pares de adjetivos.

Para a categoria F, as avaliações apresentaram maior tendência à negatividade indo de -1,2 (Pesado/Leve) a -0,1 (Desagradável/Agradável), com exceção dos pares Áspero/Liso, Duro/Macio e Mal/Bem, que obtiveram, respectivamente, as seguintes avaliações positivas 0,3, 0,7 e 0,1. Ao se comparar os resultados das categorias G, S e F, pode-se notar que F concentrou a maior parte das avaliações negativas, enquanto que em G e S as avaliações mostraram-se mais positivas. Na análise estatística do Teste T, ao se comparar as categorias G e F, diferenças estatísticas significativas foram identificadas ( $p \leq 0,05$ ) para todos os pares de adjetivos. Ainda no que diz respeito ao Teste T, na comparação das categorias S e F os pares onde não foram observadas diferenças estatisticamente relevantes ( $p \leq 0,05$ ), foram “Áspero/Liso” (0,31), “Duro/Macio” (0,17) e “Pobre/Rico” (0,06).

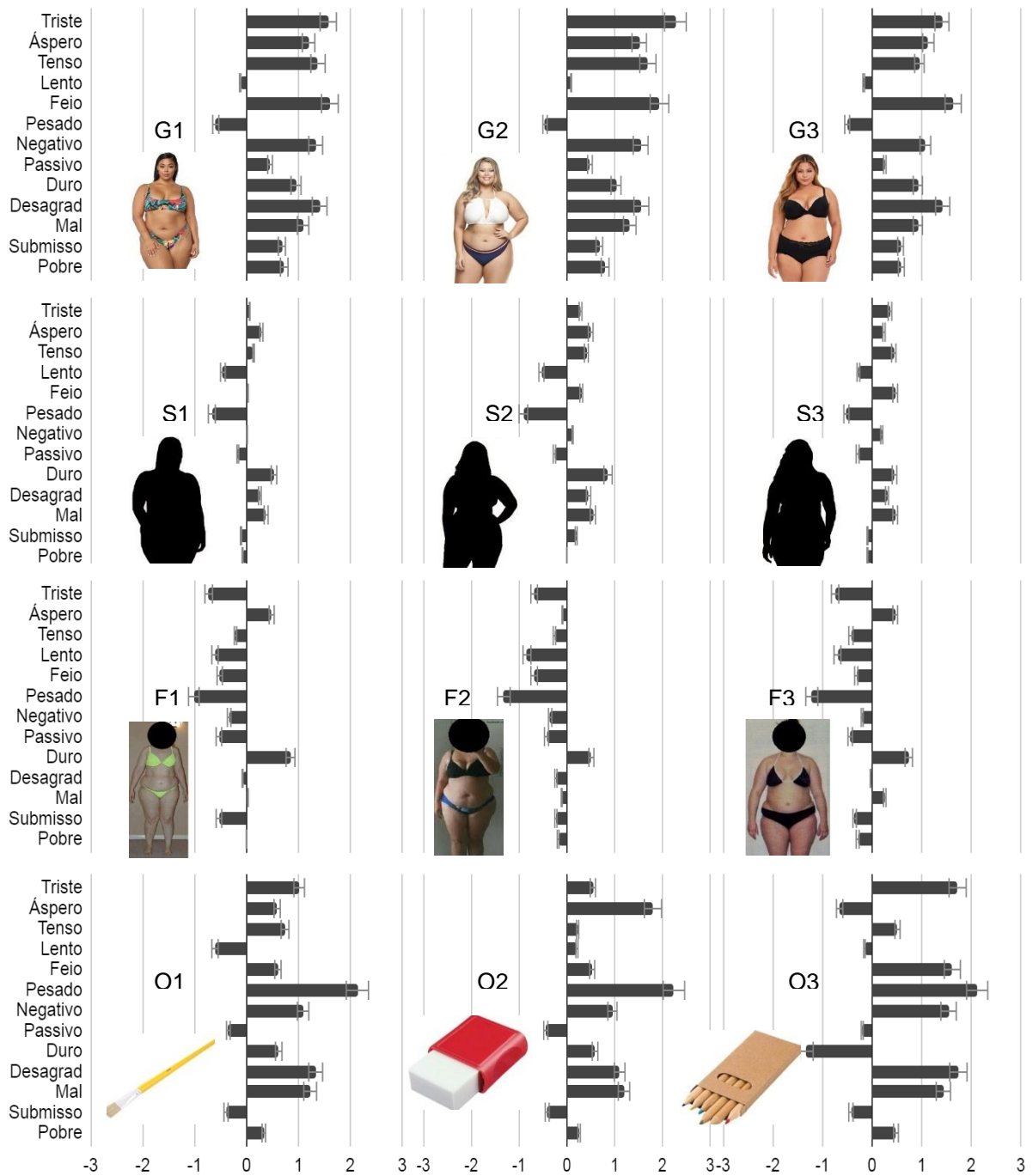
Na categoria dos Objetos (O), as avaliações concentraram-se do lado positivo da escala, indo de 0 a 2,2 (Pesado/Leve). Os pares que tiveram avaliações negativas foram Lento/Rápido (-0,2), Passivo/Ativo (-0,3) e Submisso/Dominante (-0,4). Devido à concentração de avaliações positivas observadas nessa categoria, notou-se uma aproximação com os dados coletados em G, categoria de figuras de biotipo com avaliações positivas mais altas. Ao se comparar as avaliações das categorias G e O, por meio do Teste T, todos os pares

de adjetivos apresentaram diferenças estatisticamente significativas ( $p \leq 0,05$ ), com exceção dos pares “Lento/Rápido” (0,16), “Negativo/Positivo” (0,13) e “Desagradável/Agradável” (0,24).

Ao se comparar as categorias G, S e F, foi possível observar que o par de adjetivos Pesado/Leve foi o item que, nas três categorias, apresentou uma avaliação média negativa mais baixa, correspondente respectivamente a -0,5, -0,7 e -1,2. Constância parecida entre as três categorias não foi observada nos demais itens.

Levando em consideração que cada estímulo foi apresentado duas vezes aos participantes, a Figura 10 ilustra a média das avaliações entre as duas ocorrências de cada estímulo, em suas respectivas categorias. Em G pode-se observar que a avaliação dos três estímulos tendeu a ser positiva e no geral, igual ou maior que 1, com exceção dos pares Lento/Rápido, Pesado/Leve, Passivo/Ativo, Submisso/Dominante e Pobre/Rico, com avaliações menores que 1 nos três estímulos. No par Pesado/Leve foi observada média avaliativa negativa, de -0,6 em G1 e -0,5 em G2 e G3, além deste, o par Lento/Rápido obteve avaliação negativa em G1 (-0,1) e em G3 (-0,2), enquanto que em G2 foi de 0,1.

As avaliações dos estímulos S tenderam a ser mais próximas de 0, concentradas entre -1 e 1, mas no geral positivas, com exceção dos pares de adjetivos Lento/Rápido, Pesado/Leve e Passivo/Ativo, que nos três estímulos obtiveram avaliação média negativa. Para o par Pesado/Leve, observou-se a ocorrência das avaliações mais negativas, de respectivamente, -0,7, -0,9 e -0,5, em S1, S2 e S3, os outros dois pares com avaliações negativas ficaram entre -0,5 e -0,3 (Figura 10).



*Figura 10.* Média de avaliações por estímulos, calculadas somando-se as avaliações das duas ocorrências de cada estímulo ao longo do procedimento. A parte superior corresponde aos dados dos três estímulos da categoria G. A segunda linha de gráficos, corresponde aos dados dos três estímulos da categoria S. A terceira linha de gráficos, aos



dados dos três estímulos da categoria F. E a última linha de gráficos corresponde aos dados dos três estímulos da categoria O.

Nos estímulos F notou-se que as avaliações tenderam à negatividade. O par com a avaliação mais negativa nos três estímulos foi Pesado/Leve, com -1 em F1, -1,3 em F2 e -1,2 em F3, as demais avaliações negativas localizaram-se entre -0,9 e 0. O par Duro/Macio foi o único com avaliações positivas, nos três estímulos, estas corresponderam a 0,8, 0,5 e 0,7, respectivamente (F1, F2 e F3). Em Áspero/Liso também observaram-se avaliações positivas, mas que ocorreram apenas em F1 e F3 (0,5 em ambas), além desses pares, Mal/Bom de F3 obteve avaliação média de 0,3, enquanto que em F1 foi igual a 0 e em F2 a -0,1.

Por fim, ainda no que diz respeito à Figura 10, os três estímulos O tiveram avaliação com tendência à positividade, apesar de demonstrarem maior variabilidade de avaliações entre os itens, indo de -0,6 a 2,1 em O1, de -0,4 a 2,2 em O2 e de -1,3 a 2,1 em O3, sendo este último o que apresentou mais inconsistências. O par de adjetivos Pesado/Leve foi o que obteve as avaliações mais positivas, nos três estímulos. Os pares Passivo/Ativo e Submisso/Dominante, foram os únicos que apresentaram avaliações negativas nos três estímulos, localizando-se entre -0,4 e -0,2.

Ao se considerar que cada um dos estímulos foi apresentado duas vezes ao longo da aplicação, e após uma análise comparativa visual das avaliações médias nas duas ocorrências da mesma figura. Foi possível observar que apenas S2 e S3 apresentaram avaliações discrepantes entre suas duas ocorrências, como ilustra a Figura 11. De modo que, na segunda aparição de ambos os estímulos, maior variabilidade foi observada e com maior tendência a avaliações positivas, enquanto que na primeira ocorrência, notou-se maior proximidade com o ponto central da escala (0) e maior frequência de avaliações negativas, sendo cinco em S2 e seis em S3.

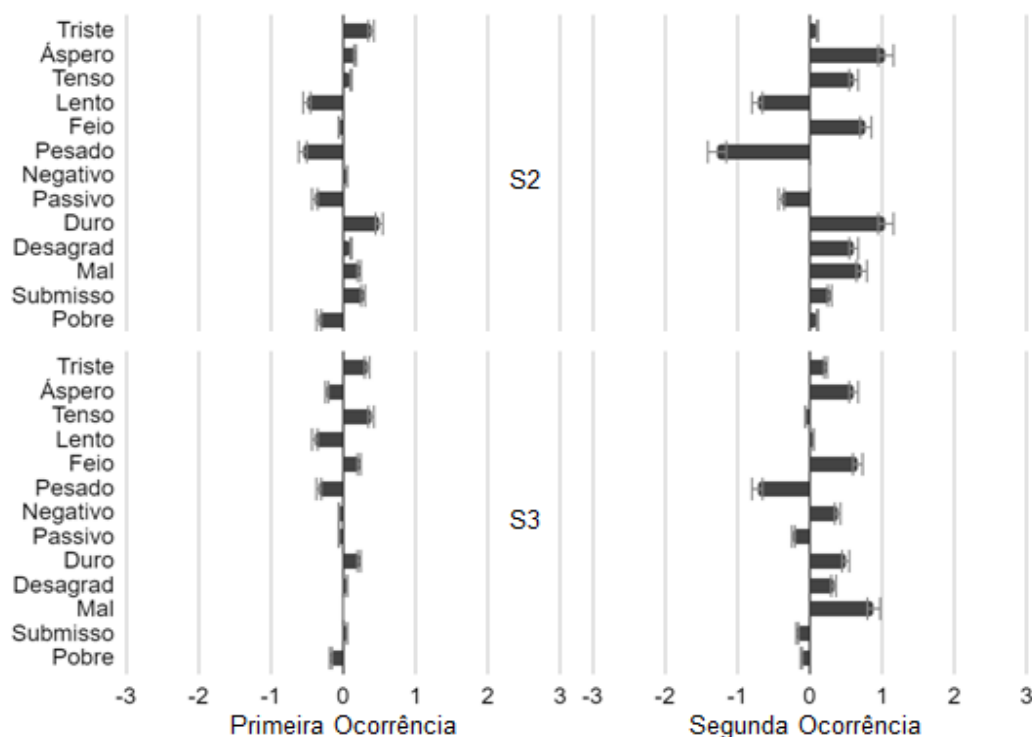


Figura 11. Avaliação média obtida na primeira e na segunda ocorrência dos estímulos S2 e S3.

### Discussão

O Experimento II buscou comparar se diferentes maneiras de apresentação de figuras de mulheres obesas poderiam influenciar nas suas avaliações. Foi possível notar que os estímulos usados na categoria G, no geral, tenderam à positividade, os usados na categoria S à neutralidade e na categoria F à negatividade.

Os estímulos da categoria F, apesar de terem demonstrado uma constância de avaliações entre eles, destoam das que ocorreram para as categorias G e S. Isso pode ter ocorrido porque os estímulos F1, F2 e F3 possuíam similaridades entre si, de modo que as respostas avaliativas possam ter ficado sob controle discriminativo dessas mesmas variáveis. No entanto, diferenças foram observadas na comparação com as características dos demais estímulos. Uma das divergências diz respeito à qualidade das imagens, pois as três fotografias aparentemente foram tiradas de forma caseira, enquanto que na categoria G todos os

estímulos são fotografias comerciais. Além disso, os estímulos da categoria F não tiveram um ponto de referência para seleção, enquanto que para a categoria G, as escolhas se basearam na Escala de Stunkard, conferindo-lhes maior sistematização.

Essa sistematicidade na escolha dos estímulos da categoria G pode ter ocasionado as avaliações opostas às que ocorreram para os estímulos da categoria F, nesse sentido, supõe-se que os critérios escolhidos possam ter adicionado variáveis que passaram a exercer controle sobre as respostas dos participantes, tais como a qualidade das imagens, o fato de serem modelos e a constância do formato corporal, que se buscou através da seleção baseada na Escala de Stunkard.

Ao se comparar as avaliações dos três estímulos usados na categoria G, foi possível observar que as avaliações do estímulo G2 tenderam a ser mais positivas que as demais, diferença que fica mais evidente quando a comparação é feita com os estímulos G1. Esse resultado pode ser explicado tendo em vista características como cor de pele e cabelo. Isso porque, dentre os três estímulos, G2 era o único no qual foi apresentada uma modelo loira e branca, enquanto que o estímulo G1 correspondia a uma mulher negra com cabelo preto e G3 a uma mulher parda com cabelo castanho.

Ao contrário das categorias G e F, os estímulos usados na categoria S apresentaram avaliações mais próximas de zero. Tal resultado pode ser explicado ao se considerar que nas silhuetas outras características puderam ser controladas, como: cor da pele ou do cabelo, presença ou ausência do sorriso e ainda, a qualidade da fotografia, de modo que, a característica de maior evidência fosse o formato do corpo. Nesse sentido, observou-se que o uso das silhuetas, apesar de eliminar estímulos concorrentes com o que foi o alvo da pesquisa, resultou em respostas mais neutras, sugerindo que as respostas estavam sob maior controle de características adversas, tais como a cor da pele, do cabelo ou expressão facial, e não apenas do formato corporal.

Os estímulos S2 e S3 foram os únicos que, em análise visual, apresentaram diferenças na comparação da sua primeira e segunda ocorrência ao longo do procedimento. Na primeira ocorrência de ambos os estímulos, as avaliações foram distribuídas de forma equilibrada para o lado negativo e positivo, além de terem ficado próximas do zero. Por outro lado, na segunda ocorrência, no geral, as avaliações passaram a ser positivas e maiores. Isto pode ser explicado considerando-se que a exposição ao procedimento pode ter levado a comparações com os demais estímulos usados, de modo que a resposta pode ter ficado sob controle da comparação com os outros estímulos presentes. Entretanto, este mesmo padrão não foi observado para os demais estímulos, portanto, uma clara explicação para esses resultados não pode ser, no presente estudo concluída, dessa forma, sugere-se que pesquisas futuras possam se debruçar sobre tal ocorrência, buscando sua frequência e uma possível explicação.

Por fim, no que diz respeito às avaliações dos estímulos da categoria O, apesar dos estímulos O1 e O3 apresentarem avaliações negativas, no geral, as avaliações tenderam à positividade para os três estímulos. Este resultado permite dizer que os participantes estavam sob controle dos estímulos que lhes eram apresentados e que o instrumento foi eficaz para captar as avaliações dos participantes. Mesmo que avaliações negativas tenham sido observadas nos três estímulos, apenas em O3 elas foram maiores que -1, o que ocorreu apenas no par de estímulos “Duro/Macio”. Isto sugere que, apesar da busca pelos estímulos desta categoria ter sido feita com base no critério de serem objetos de papelaria, características específicas do estímulo O3 podem ter controlado as respostas dos participantes, como por exemplo, o fato de ser uma caixa de lápis de madeira, o que justifica uma avaliação mais próxima de “Duro”.

## Discussão geral

Tendo em vista os estudos relativos a controle de estímulos (e.g., Reynolds, 1961; Moreira, Oliveira & Hanna, 2017), o presente trabalho investigou se formas distintas de apresentação de estímulos com mulheres tanto magras, como obesas, poderiam ter influência nas respostas avaliativa dos participantes. Para isso, utilizou-se a EDS como forma de acesso aos significados atribuídos, pelos participantes, aos estímulos, o que ocorreu através de dois experimentos nos quais estímulos de características similares foram manipulados para cada biotipo, ou seja, para as quatro categorias de cada experimento, os mesmos critérios de seleção de estímulos foram usados.

Em ambos os estudos ficou evidente que, a depender da maneira com que os estímulos são apresentados, diferentes respostas podem emergir. Esse resultado corrobora os que foram encontrados por Reynolds (1961), nos quais, o autor identificou que as diferentes características apresentadas por cada estímulo, após manipulação, exerceram diferentes níveis de controle sobre o comportamentos dos sujeitos de pesquisa.

Essa diferença de respostas, a depender dos estímulos apresentados, corrobora portanto, os estudos que relatam a importância do uso de critérios para a seleção de estímulos em tarefas de discriminação (Moreira, Oliveira & Hanna, 2017), de modo que a variável que se busca estudar exerça controle sobre as respostas dos participantes, ou que ao menos, os efeitos de outras variáveis possam ser minimizados. E, assim, a discriminação possa ficar sob controle das características de real interesse do pesquisador (Carvalho, 2010; de Carvalho & de Rose, 2014), que no caso da presente pesquisa foi o biotipo corporal. Além disso, variações de avaliações que ocorreram entre estímulos de uma mesma categoria, em ambos os experimentos, tais como os estímulos da categoria F e o estímulo O3, apontam também para a importância dos critérios de seleção de estímulos (Carvalho, 2010; de Carvalho & de Rose, 2014; Moreira, et. al., 2017), a fim de evitar variações expressivas entre estes e,

consequentemente, que eles controlem comportamentos diferentes, mesmo pertencendo à mesma categoria.

Ao se comparar os resultados obtidos nos Experimentos I e II, observou-se a ocorrência de padrões avaliativos entre ambos, tais como, a tendência dos estímulos da categoria G à positividade e da categoria S à neutralidade. Tendo em vista que na categoria G outras variáveis se fizeram presentes, como por exemplo, presença ou ausência de sorriso e variação na cor do cabelo, da pele e do biquíni e, que na categoria S, tais variáveis foram retiradas (silhuetas) pode-se considerar que as respostas dos participantes estiveram sob controle discriminativo de variáveis diferentes daquelas que se pretendia, já que as características da categoria G puderam ser retiradas na categoria S, de modo que apenas o formato corporal estava presente nesta segunda, e tendências positivas e/ou negativas não foram observadas. Esses resultados evidenciam que a padronização na seleção dos estímulos usados em procedimentos de discriminação é essencial para que as respostas estejam sob controle da variável programada pelo pesquisador, assim como foi apontado por Reynolds (1961), Carvalho (2010), de Carvalho e de Rose (2014) e Moreira, et. al. (2017), entre outros. Os resultados evidenciam também que, no uso de estímulos com pessoas, características relacionadas a cor de pele ou cabelo, caso não sejam as variáveis de interesse, devem ter a atenção do pesquisador pois, tais características podem criar vieses avaliativos, corroborando a literatura acerca de preconceito racial (Burch, 2015; Lima & Vala, 2004; de Carvalho e de Rose, 2014).

Ainda comparando os estímulos utilizados em ambos os Experimentos, a categoria F foi a única que apresentou tendências contrárias entre os estudos, com avaliações mais positiva no primeiro e mais negativa no segundo. Este resultado corrobora os estudos que identificam maior probabilidade de atribuição de características negativas às pessoas obesas, em comparação com as magras (Crandall, et. al, 2001; Mattos, 2007; Mattos, 2012; Neves &

Mendonça, 2014). Além disso, levando em consideração que os estímulos usados nessa categoria foram os escolhidos com critérios menos rígidos de seleção, destaca-se a importância de que as características dos estímulos usados para os estudos de preconceito contra biotipos corporais, sejam observadas com cautela para que o formato corporal seja a principal variável controlando o comportamento dos sujeitos de pesquisa e não questões relativas à qualidade das figuras, por exemplo.

Por fim, considerando o estudo de Portela (2014), e apenas a primeira aplicação da EDS no referido estudo, identificou-se que os resultados do Experimento I não replicaram os que foram encontrados pela autora, enquanto que a replicação foi observada no Experimento II. Vale destacar que apenas os resultados da primeira aplicação da EDS de Portela (2014) foram considerados, porque outras intervenções não foram aplicadas na presente pesquisa, mas em Portela (2014) as duas seguintes aplicações da escala ocorreram após treinos e testes de relações de equivalência.

A não replicação que ocorreu para o Experimento I foi identificada ao se considerar que os resultados encontrados variaram entre -1 e 1 e, no geral, os resultados da autora foram maiores que 1 (Portela, 2014). Já no Experimento II, a replicação foi identificada pois, no geral, em ambas as pesquisas as avaliações dos participantes centralizaram-se entre -1 e 1, com poucas variações para além desses valores.

### **Considerações Finais**

Os resultados encontrados nesta pesquisa ilustram a importância de que estudos continuem sendo realizados na área de controle de estímulos, pois diversas variáveis podem controlar as respostas dos indivíduos e resultados falso-positivos ou falso-negativos podem vir à tona. Nesse sentido, destaca-se que um retorno ao elemento essencial do procedimento de discriminação de estímulos, a saber: o próprio estímulo, é fundamental para que as

relações que se busca analisar possam estar presentes de forma mais fidedigna possível nas discriminações condicionais.

Para isso, sugere-se que pesquisas futuras busquem uma sistematização anterior dos estímulos que se pretende usar, como por exemplo, com a realização de dois estudos: um destinado a seleção dos estímulos e outro para a tarefa de discriminação/reversão de equivalência. Além disso, a partir desses resultados é possível ainda uma reflexão acerca da prática do psicólogo clínico. Considerando-se que, nesse nicho, o profissional lida com as descrições de contingências trazidas pelo cliente, esse trabalho chama atenção para o olhar individualizado que é preciso ter para cada indivíduo, pois comportamentos semelhantes podem ter estímulos discriminativos distintos controlando-os.



## Referências

- Albarracín, D., & Shavitt, S. (2018). Attitudes and Attitude Change. *Annual Review of Psychology*, 69(1), 299–327. doi: doi.org/10.1146/annurev-psych-122216-011911
- Almeida, J. H. A., Bortoloti, R., Ferreira, P. R. S., Schelini, P. W., & de Rose, J. C. C. (2014). Análise da validade e precisão de instrumento de diferencial semântico. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 27 (2), 272-281. doi: doi.org/10.1590/1678-7153.201427207
- Alvarenga, M. S., Philippi, S. T., Lourenço, B. H., Sato, P. M., & Scagliusi, F. B. (2010). Insatisfação com a imagem corporal em universitárias brasileiras. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 59(1), 44-51. doi: doi.org/10.1590/S0047-20852010000100007
- Barnes-Holmes, D., Barnes-Holmes, Y., Power, P., Hayden, E., Milne, R., & Stewart, I. (2006). Do you really know what you believe? Developing the Implicit Relational Assessment Procedure (IRAP) as a direct measure of implicit beliefs. *The Irish Psychologist*, (32)7, 169-177.
- Bortoloti, R., & de Rose, J. C. (2012). Equivalent stimuli are more strongly related after training with delayed matching than after simultaneous matching: a study using the implicit relational assessment procedure (IRAP), *The Psychological Record*, 62(1), 41-54.
- Burch, T. (2015). Skin Color and the Criminal Justice System: Beyond Black-White Disparities in Sentencing. *Journal of Empirical Legal Studies*, 12(3), 395–420. doi: doi.org/10.1111/jels.12077
- Catania, A. C. (1999). *Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição*. Porto Alegre: Artmed.
- Crandall, C. S., D'Anello, S., Sakalli, N., Lazarus, E., Wieczorkowska, G., & Feather, N. T. (2001). An attribution-value model of prejudice: Anti-fat attitudes in six nations.

*Personality and Social Psychology Bulletin*, 27(1), 30–37. doi:

doi.org/10.1177/0146167201271003

Carvalho, M. C., & Martins, A. (2004). A obesidade como objeto complexo: uma abordagem filosófico-conceitual. *Ciência e Saúde Coletiva*, 9(4), 1003-1012. doi:

doi.org/10.1590/S1413-81232004000400021

Crochik, J. L. (1996). Preconceito, indivíduo e sociedade. *Temas em Psicologia*, 4(3), 47-70.

Cooper, J. O., Heron, T. E., & Heward, W. L. (2014). *Applied Behavior Analysis*. Harlow: Pearson Education Limited. Edição do Kindle.

De Carvalho, M. P. (2010). *Resistência à mudança de atitude preconceituosa racial avaliada pelo paradigma de equivalência de estímulos*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP.

De Carvalho, M. P., & de Rose, J. C. (2014). Understanding racial attitudes through the stimulus equivalence paradigm. *Psychological Record*, 64(3), 527–536. doi:

doi.org/10.1007/s40732-014-0049-4

Dixon, M. R., & Lemke, M. (2007). Reducing prejudice towards Middle Eastern persons as terrorists. *European Journal of Behavior Analysis*, 8(1), 5-12. doi:

doi.org/10.1080/15021149.2007.11434269

Fabrigar, L. R., MacDonald, T. K., & Wegener, D. T. (2005). The structure of attitudes. Em D. Albarracín; B. T. Johnson, & M. P. Zanna (Orgs.), *The handbook of attitudes*. (pp. 79-124). Mahwah NJ: Erlbaum.

Gardner, R. M., & Brown, D. L. (2010). Body image assessment: A review of figural drawing scales. *Personality and Individual Differences*, 48, 107-111. doi:

10.1016/j.paid.2009.08.017

- Haydu, V. B., Camargo, J., & Bayer, H. (2015). Effects of preexperimental history on the formation of stimulus equivalence classes: a study with supporters of Brazilian soccer clubs. *Psychology & Neuroscience*, 8(3), 385-396. doi: 10.1037/h0101276
- Hübner, M. M. C. (2006). Controle de estímulos e relações de equivalência. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 8 (1), 95-102.
- Lacerda, M., Pereira, C., & Camino, L. (2002). Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 15(1), 165-178. doi: doi.org/10.1590/S0102-79722002000100018
- Laurenti, C., & Lopes, C. E. (2008). Uma explicação não-causal do comportamento no behaviorismo radical. *Acta Comportamentalia*, 16(3), 379-397.
- Lima, M. E. O., & Vala, J. (2004). Sucesso social, branqueamento e racismo. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, 20(1), 11-19. doi: doi.org/10.1590/S0102-37722004000100003
- Lopes, C. E. (2008). Uma proposta de definição de comportamento no behaviorismo radical. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 10(1), 1-13.
- Mattos, R. S. (2007). Sou gordo, sou anormal? *Arquivos em Movimento*, 3(2), 153-173.
- Mattos, R. S., & Luz, M. T. (2009): Sobrevivendo ao estigma da gordura: um estudo socioantropológico sobre obesidade. *Revista de Saúde Coletiva*, 19(2), 489-507. doi: doi.org/10.1590/S0103-73312009000200014
- Mattos, R. (2012). *Sobrevivendo ao estigma da gordura*. São Paulo SP: Vetor.
- Ministério da saúde. (2019). *Vigitel Brasil 2017: estimativas sobre frequência e distribuição sociodemográfica de fatores de risco e proteção para doenças crônicas nas capitais dos 26 estados brasileiros e no distrito federal em 2017*. Retirado de: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/vigitel\\_brasil\\_2017\\_vigilancia\\_fatores\\_risco\\_led\\_rev.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/vigitel_brasil_2017_vigilancia_fatores_risco_led_rev.pdf)

- Mizael, T. M., Santos, S. L., & de Rose, J. C. C. (2016). Contribuições do paradigma de equivalência de estímulos para o estudo das atitudes. *Interação em Psicologia, 20* (2), 124-134.
- Moreira, M. B., & Medeiros, C. A. (2019). *Princípios básicos da análise do comportamento*. Porto Alegre: Artmed.
- Moreira, M. B., Oliveira, A., & Hanna, E. S. (2017). Arranjo de estímulos em treino discriminativo simples com compostos e emergência de classes de estímulos equivalentes. *Temas em Psicologia, 25*(1), 351-367.
- Moreira, M. B., Todorov, J. C., & Nalini, L. E. G. (2006). Algumas considerações sobre o responder relacional. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, 8*(2), 192-211.
- Moraes, C., Anjos, L. A., & Marinho, S. M. S. A. (2012). Construção, adaptação e validação de escalas de silhuetas para autoavaliação do estado nutricional: uma revisão sistemática da literatura. *Cadernos da Saúde Pública, 28*(1), 7-19. doi: [doi.org/10.1590/S0102-311X2012000100002](https://doi.org/10.1590/S0102-311X2012000100002)
- Miranda, S. F. (2012). O “cotidiano” e a “crítica”: uma análise do preconceito sob dois posicionamentos teóricos. *Psicologia Revista, 21*(1), 45-58.
- Neiva, E. R., & Mauro, T. G. (2011). Atitudes e mudança de atitudes. Em C. V. Torres & E. R. Neiva (Org.), *Psicologia social: principais temas e vertentes* (pp. 171-203). Porto Alegre: Artmed.
- Neves, A. S., & Mendonça, A. L. O. (2014). Changes in social identity of the obese: from stigma to the fat pride. *Free Themed Articles, 9*(3), 619-631. doi: [doi.org/10.12957/demetra.2014.9461](https://doi.org/10.12957/demetra.2014.9461)

- Nicida, D. P., & Machado, K. S. (2014). O uso de duas escalas de silhueta na avaliação da satisfação corporal de adolescentes: revisão de literatura. *Revista de Saúde, Meio Ambiente e Sustentabilidade*, 9(2), 21-36.
- Osgood, C. E. (1952). The nature and measurement of meaning. *Psychological Bulletin*, 49(3), 197-237.
- Pasquali, L. (1999). *Instrumentos psicológicos: manual prático de elaboração*. Brasília: LabPAM/IBAPP.
- Pereira, E. F., Graup, S., Lopes, A. S., Borgatto, A. F., & Daronco, L. S. E. (2009). Percepção da imagem corporal de crianças e adolescentes com diferentes níveis socio-econômicos na cidade de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, 9(3), 253-262. doi: doi.org/10.1590/S1519-38292009000300004
- Portela, L. C. S. (2014). *Transferência de função e reorganização de classes de equivalência relacionadas com diferentes biotipos*. (Dissertação de Pós-graduação não publicada). Universidade de Brasília, Brasília, DF.
- Reynolds, G. S. (1961). Attention in the pigeon. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 4(3), 203-208. doi: 10.1901/jeab.1961.4-203
- Robinson, B. E., Bacon, J. G., & O'Reilly, J. (1993). Fat phobia: measuring, understanding, and changing anti-fat attitudes. *International Journal of Eating Disorders*, 14(4), 467-480. doi: 10.1002/1098-108x(199312)14:4<467::aid-eat2260140410>3.0.co;2-j
- Rodrigues, A., Assmar, E. M. L., & Jablonski, B. (2009). *Psicologia social*. Petrópolis RJ: Vozes.
- Rosendo, A. P., & Melo, R. M. (2018). Transferência de função e reorganização de classes de equivalência relacionadas a gênero e profissões. *Brazilian Journal of Behavior Analysis*, 14(1), 31-43. doi: doi.org/10.18542/rebac.v14i1.7157

- Santos, B. S. R., & Medeiros, C. A. (2017). O efeito das classes simbólicas nas representações corporais. Relatório de estágio.
- Sidman, M. (1971). Reading and auditory-visual equivalences. *Journal of Speech and Hearing, 14*(1), 05-13.
- Sidman, M., & Tailby, W. (1982). Conditional discrimination vs. matching-to-sample: an expansion of the testing paradigm. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior, 37*(1), 5-22.
- Song, H., Vonasch, A. J., Meier, B. P., & Bargh, J. A. (2012). Brighten up: Smiles facilitate perceptual judgment of facial lightness. *Journal of Experimental Social Psychology, 48*(1), 450–452. doi: doi.org/10.1016/j.jesp.2011.10.003
- Stunkard, A., Sorenson, T., & Schulsinger, F. (1983). Use of the Danish Adoption Register for the study of obesity and thinness. In S. Kety, L. P, Rowland, R, L, Sidman, & S, VV, Matthysse (Eds.), *The genetics of neurological and psychiatric disorders*, (pp, 115-120), New York: Raven Press.
- Skinner, B. F. (1957). *Verbal behavior*. New Jersey: Prentice-Hall.
- Stepanova, E. V., & Strube, M. J. (2009). Making of a face: Role of facial physiognomy, skin tone, and color presentation mode in evaluations of racial typicality. *Journal of Social Psychology, 149*(1), 66–81. doi: doi.org/10.3200/SOCP.149.1.66-81
- Stepanova, E. V., & Strube, M. J. (2012). What's in a face? the role of skin tone, facial physiognomy, and color presentation mode of facial primes in affective priming effects. *Journal of Social Psychology, 152*(2), 212–227. doi: doi.org/10.1080/00224545.2011.597797
- Thompson, J. K., & Altabe, M. N. (1990). Psychometric qualities of the figure rating scale. *International Journal of Eating Disorders, 10*(5), 615-619.

Todorov, J. C. (2012). Sobre uma definição de comportamento. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 3(1), 32-37.

World Health Organization (2000). Obesity: preventing and managing the global epidemic.

Retirado de: [https://www.who.int/nutrition/publications/obesity/WHO\\_TRS\\_894/en/](https://www.who.int/nutrition/publications/obesity/WHO_TRS_894/en/)

